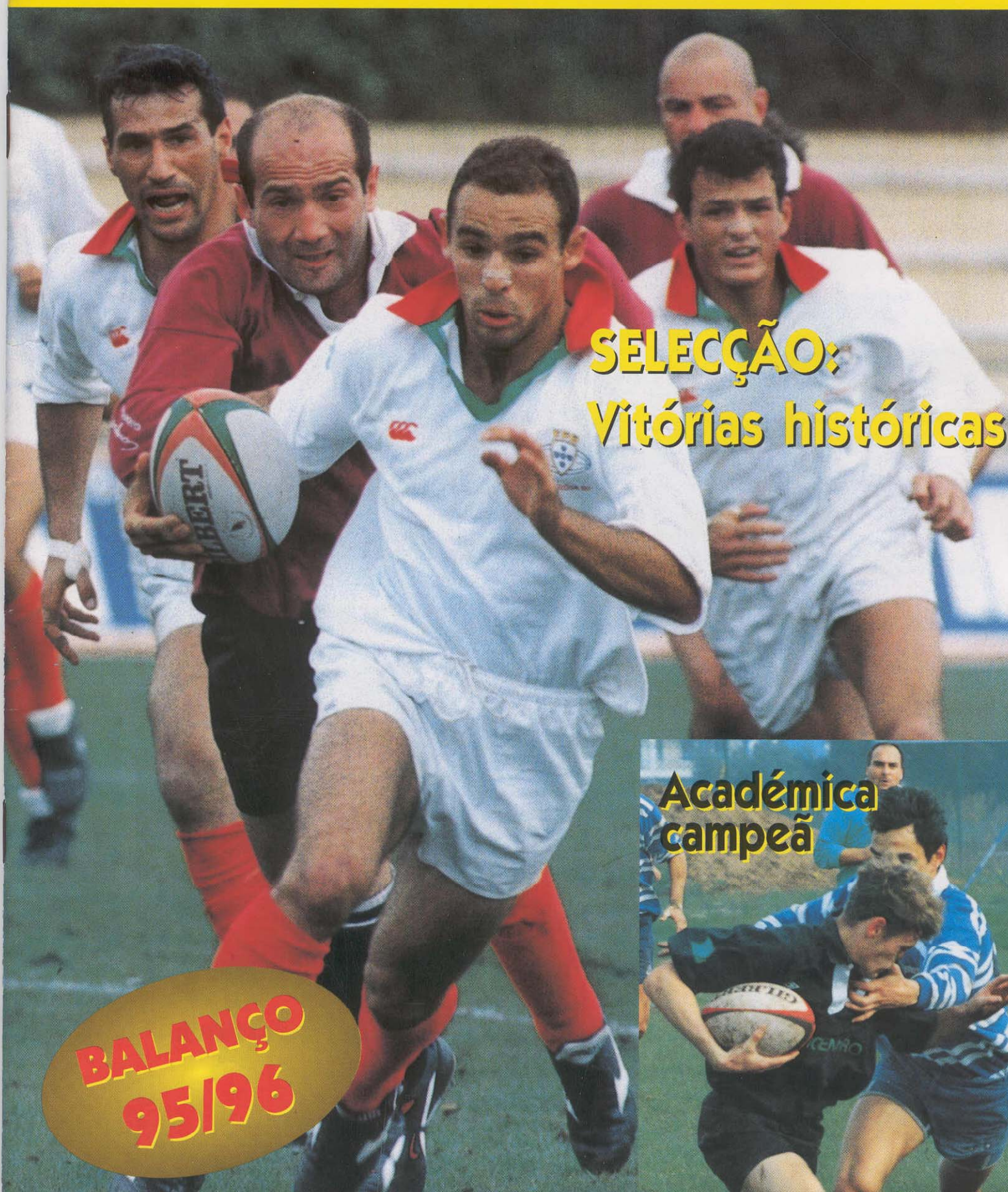


RUGBY

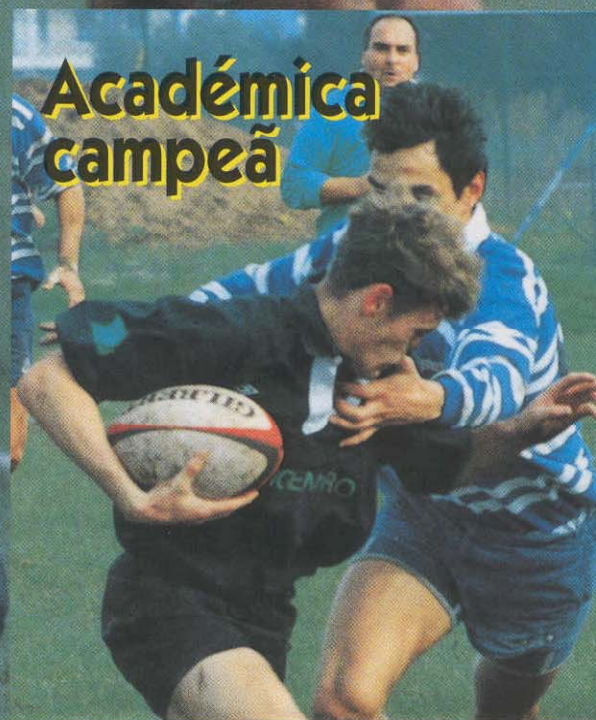
QUADRIMESTRAL - MAIO '97 - Nº12

MAGAZINE

PREÇO: 300\$00



SELECÇÃO:
Vitórias históricas



**Académica
campeã**

**BALANÇO
95/96**

SUMÁRIO

MUNDIAL

Portugal teve uma presença apagada, numa prova de grande nível em que a Fidji conquistaram o título

5

CAMPEONATO

A Académica surpreendeu tudo e todos e venceu o Nacional com inteira justiça, seguida do Cascais e CDUL

8

DESTAQUE

Rohan Hoffman, o mais português dos australianos, fala-nos de rúgubi e muito mais

12

SELECÇÃO

Ano bom para Portugal, que apesar das convulsões, bateu recordes e manteve ranking da FIRA

16

CINCO NAÇÕES

Uma França renascida e a praticar um rúgubi total impôs-se à Inglaterra em Twickenham

24

BALANÇO

Tudo o que se passou, ou quase, no período em que RM não se publicou

27



(Foto de Jorge Paula / CM)

EDITORIAL

Depois de mais de um ano de interregno, volta a ser publicada a revista oficial da F.P.R., já que a alternativa de passar a jornal não foi concretizada em virtude da falta de um projecto concreto.

A sua missão de informar o público interessado e proporcionar aos agentes da modalidade uma troca de ideias vai certamente ser possível já que os principais responsáveis pela sua produção desenvolvem uma actividade jornalística e estão há muito ligados ao rugby.

Numa fase de mudança por que passa o mundo do rugby, os dirigentes têm de tomar decisões que respeitam a política desportiva, a importância dos árbitros para fazer cumprir as regras dentro de campo é cada vez maior, a formação de jogadores tem de ser efectuada por técnicos competentes e os jogadores poderão expressar todas as suas capacidades físicas e mentais para que cada vez o jogo seja mais espectacular e leve público aos estádios.

É importante que os princípios pelos quais o rugby se tornou diferente dos outros desportos se mantenham e não sejam deturpados por pessoas vindas de outras origens.

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR:

Luís Claro

EDITOR:

António Henriques

CONSELHO EDITORIAL:

Raúl Martins

Luís Penha e Costa

REDACÇÃO, PROPRIEDADE

E ADMINISTRAÇÃO:

Federação Portuguesa de Rugby

REALIZAÇÃO GRÁFICA:

Impritécnica, Artes Gráficas, Lda.

PERIODICIDADE:

Quadrimestral

TIRAGEM:

1 500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL N.º 71781/94



RAUL MARTINS

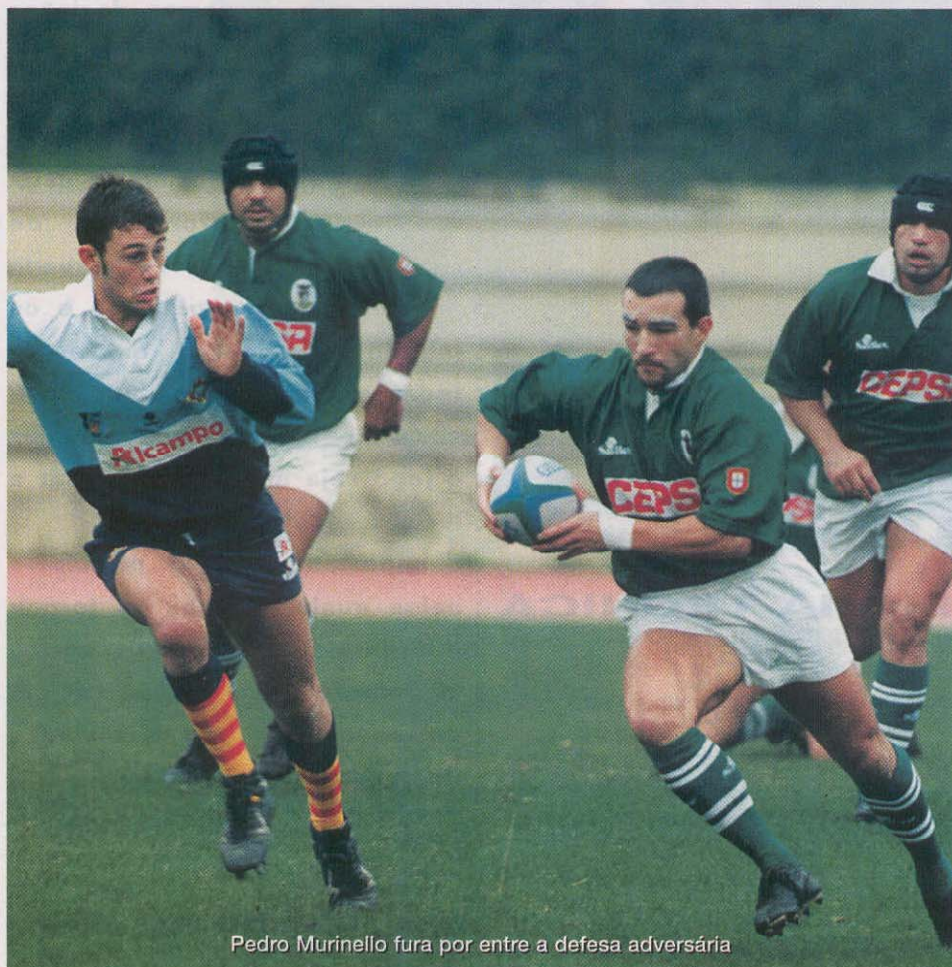
Presidente da Federação Portuguesa de Rugby

Taça Ibérica

CASCAIS RECUPERA TAÇA IBÉRICA

Uma vitória dramática

ATRAVÉS DE UMA EXIBIÇÃO INTELIGENTE E CORAJOSA, OS CAMPEÕES NACIONAIS ALCANÇARAM UMA INESPERADA MAS SABOROSA VITÓRIA, CONQUISTANDO O SEU TERCEIRO TROFÉU IBÉRICO, FEITO ÚNICO ENTRE OS CAMPEÕES DOS DOIS PAÍSES.



Pedro Murínello fura por entre a defesa adversária

Defender afincadamente, até à exaustão e última gota de suor, foi a receita utilizada pelo Dramático de Cascais para derrotar os campeões espanhóis do Santboiana (14-9) e reconquistar para Portugal a Taça Ibérica. Com

este resultado, e após as 14 edições já disputadas nesta segunda fase da prova (iniciada em 1983), os dois países registam agora sete triunfos cada. A nível de clubes, o Cascais passa a ser o único com três vitórias.

Ao contrário do que se esperaria, os campeões nacionais conseguiram controlar o jogo através do seu *pack* avançado (30 quilos mais leve que o adversário), chegando a superiorizar-se nos alinhamentos através das destacadas actuações dos saltadores Pedro Rogério e Simon Lukell. Contudo, ao longo da partida, as opções tácticas do médio-de-abertura Nuno Durão nunca foram as mais correctas, o que afectou sobremaneira a utilização de bolas por parte das suas linhas atrasadas.

Ao intervalo registava-se um empate a seis pontos, graças a pontapés de penalidade de José Maria (pelo Cascais) e Velazco (pelo Santboiana).

Logo aos dois minutos do segundo tempo surgiu o momento decisivo do encontro, com a obtenção do único ensaio da partida. Após uma fixação decorrente de uma formação ordenada, Jonet abriu para o lado fechado e o ponta Daniel Sá surgiu solto e *ligando o turbo*, alcançou um ensaio de belo efeito e que viria a mostrar-se essencial no desfecho final. Até aos 20 minutos o jogo repartiu-se pelos dois meios-campos, mas após José Maria ter concretizado mais uma penalidade, colocando o resultado em 14-9 favorável aos portugueses, o

Taça Ibérica

domínio espanhol intensificou-se, chegando nalguns momentos a ser avassalador. E foi aí que sobressaíram dois factores: por um lado, a pouca inteligência da equipa espanhola que, apesar dos largos minutos passados perto da área de ensaio portuguesa, nunca teve engenho nem arte para encontrar formas de ultrapassar a muralha defensiva adversária e, por outro lado, a coragem e espírito de sacrifício de que todos os jogadores do Dramático deram provas, parando, uma após outra, as sucessivas arremetidas espanholas.

A vitória do Cascais acaba por ser justa, como viria a reconhecer o treinador catalão, já que castigou a falta de habilidade dos jogadores espanhóis, e premiou a esforçada, corajosa e inteligente exibição dos portugueses. Nos novos campeões ibéricos o destaque deve ser dado a toda a avançada – com Pedro Rogério a ser o melhor jogador em campo – e para o labor defensivo das linhas atrasadas.

O Santboiana, pode queixar-se do seu veterano capitão Alberto Malo que, embora com grande garra, comandou mal o *pack* avançado, especialmente nos minutos finais do encontro. ●



Jogador espanhol tenta parar poderosa arrancada de Alexandre Lima

28/12/96

Estádio Universitário de Lisboa

Árbitro: Christian Zidel (França)

Cascais: Artur Freitas (Pedro Oliveira), Francisco Leitão, Pedro Fonseca, João Heleno (Jorge Herédia), Simon Lukell, Pedro Rogério, João Tiago; Alexandre Lima, João Jonet; Nuno Durão, Daniel Sá (5), Pedro Silva (Pedro Braga), Vasco Durão; Murinello, José Maria (3,3,3).

Santboiana: Victor Torres, David Deosdad, Jordi Riba, Steven Tuneau, Jordi Vila, Gabriel Perez, Andres Martin, Alberto Malo, Miguel Espina, Onesimo Garcia, Albert Torres, Rafael Ventura, Inaki Beltran, Alex Lopez, Fernan Velazco.

Ao intervalo: 6 - 6

Resultado final: 14 - 9



João Jonet aguarda pela chegada dos seus avançados

Os campeões ibéricos

- 1965 — Canoe Natation Club
- 1966 — Club U. Barcelona
- 1967 — Canoe Natation Club
- 1968 — Colégio Mayor X. Cisneros
- 1969 — Atlético S. Sebastian
- 1970 — Colégio Mayor X. Cisneros
- 1971 — Benfica
- 1983 — CDUL
- 1984 — CDUL
- 1985 — Colégio Mayor X. Cisneros
- 1986 — Benfica
- 1987 — U. Esportiva Santboiana
- 1988 — Benfica
- 1989 — U. Esportiva Santboiana
- 1990 — Arquitectura Madrid
- 1991 — El Salvador Valladolid
- 1992 — Cascais
- 1993 — Cascais
- 1994 — El Monte Ciências
- 1995 — Arquitectura Madrid
- 1996 — Cascais

DEFINIR ESTRATÉGIAS A PENSAR NO RÂGUEBI DO ANO 2000

Todos juntos

No passado dia 6 de Outubro realizou-se em Lisboa o Congresso Nacional de Râguebi, organizado pela F.P.R., e no qual estiveram presentes todos os agentes da modalidade no nosso país, além de conferencistas estrangeiros de renome. Ao longo do dia, e através dos vários painéis e trabalhos apresentados, foram abordados diferentes aspectos do desporto da bola oval, tendo em vista o que deverá ser a modalidade em Portugal no ano 2000.

O investimento na formação passa pelos escalões de râguebi juvenil e pelos quadros técnicos. Quanto ao desenvolvimento, foi dada ênfase ao papel dos árbitros como responsáveis pela melhoria da qualidade do jogo, pretendendo-se criar fortes organismos regionais de arbitragem. Quanto ao capítulo organizativo, destacou-se a importância da ligação do município-escola-clubes, a melhoria da imagem interna do râguebi, o repensar dos quadros competitivos adequados e, finalmente, a alteração que se torna necessário efectuar na mentalidade do jogador português face ao início da via profissionalizante.

Durante o Congresso foram debatidas algumas questões essenciais que se vêm colocando à modalidade desde que em Agosto de 1995 a International Board passou a considerar o râguebi como um desporto aberto, permitindo a prática do profissionalismo. Grandes alterações surgiram nos últimos meses na organização e gestão

desta modalidade centenária, as quais provocaram mudanças que, apesar de se advinharem desde 1987, abalaram agora profundamente os seus alicerces, como nunca antes acontecera desde 1893.

Entre os diversos trabalhos apresentados, destaque para o de Lee Smith, ex-director técnico nacional da Nova Zelândia e actual responsável pela Comissão de Desenvolvimento da International Board, que incidiu sobre os problemas que se colocam no futuro da modalidade, apontando algumas soluções. Pierre Villepreux, um dos mais afamados técnicos mundiais, colocou a ênfase na formação técnico-táctica que o "novo" jogador de râguebi deve possuir.

Realce ainda para a intervenção do seleccionador nacional João Paulo Bessa. Numa notável síntese, um dos homens que mais e melhor analisa o futuro da modalidade no nosso país, definiu dez acções estratégicas para atingir o objectivo de colocar o râguebi português no caminho que outros países já percorreram. A nova realidade do profissionalismo obrigou à criação de um "novo" jogo, muito mais rápido e exigente, e Portugal vai ter que se adaptar rapidamente a estes novos tempos, sob pena de dentro em pouco o nosso râguebi tender para o desaparecimento. Alertou Bessa: "podemos até jogar um jogo parecido, com a mesma bola e postes, mas não vai ser o mesmo râguebi que o praticado pelas principais nações".

RESUMO DAS CONCLUSÕES

Se se pretende ter um Râguebi diferente no ano 2000, a FPR tem que, forçosamente, definir quais as estratégias a implementar em duas grandes áreas: **TÉCNICA** e **DESENVOLVIMENTO**.

ÁREA TÉCNICA

A implementação de um "novo jogo", exige aos seus praticantes qualidades físicas e psíquicas de grande nível que possam suportar as exigências da quantidade/qualidade do jogo com a espectacularidade necessária para a promoção e divulgação do Râguebi.

Tal realidade só é possível pelo maior empenho de todos os intervenientes, com responsabilidades acrescidas para Árbitros e Jogadores. Nessa constatação, sobressai a necessidade de proporcionar aos árbitros e jogadores mais tempo para se dedicarem ao Râguebi, bem como melhores condições materiais, estruturais e de conhecimento do jogo.

Exigem-se medidas concretas que passem pela necessidade de criar quadros competitivos adequados, em todos os escalões, numa forma pedagógica e progressiva, bem como proporcionar as melhores condições de treino (enquadramento humano e material) às Selecções Nacionais e ainda estabelecer, a níveis mais exigentes, contactos internacionais às equipas representativas do País.

A repercussão que as novas Ciências têm na "coisa" do desporto (estatística, psicologia desportiva e metodologia

do treino) foi definitivamente demonstrada durante o Congresso, pelo que o conhecimento destas áreas por parte dos técnicos, requer uma valorização/avaliação permanente com base no rigor e na ciência.

ÁREA DESENVOLVIMENTO

Foi retirada a ideia da necessidade de se proceder a alterações profundas nesta área, nomeadamente nos capítulos da **FORMAÇÃO** (Formação de Quadros Técnicos e Escola de Râguebi), **ARBITRAGEM** e **ORGANIZAÇÃO**.

A visão global do desporto, no caso específico o Râguebi, torna imperioso que a análise seja feita no seu "todo" criando as correlações, possíveis, entre as partes e estabelecendo as estratégias conducentes à evolução global do Râguebi.

Parece ser a altura de interligar-se tudo isto e estabelecer um Plano Estratégico onde todas estas realidades estejam presentes, tendo em conta que os resultados das Selecções Nacionais têm um impacto importante no desenvolvimento do Râguebi.

Os recursos financeiros disponíveis para o desenvolvimento do jogo estão muito ligados aos resultados da equipa nacional e da presença da modalidade na Televisão.

Contrariamente ao que poderia prever-se, estamos mais perto de encontrar as nossas soluções. O Congresso provou-o.

A Comissão Organizadora

PORTUGAL AQUÉM DAS EXPECTATIVAS

Fidji de sonho

O RUGBY DE SETE VISTO EM HONG-KONG FOI DE ALTÍSSIMO NÍVEL, JOGADO A UM RITMO DIABÓLICO, TENDO OS SETES DO HEMISFÉRIO SUL DOMINADO POR COMPLETO, COM A ÁFRICA DO SUL A JUNTAR AO TÍTULO MUNDIAL DE "QUINZE" O DE VICE-CAMPEÃ DE "SETE".

O segundo Mundial de rãguebi de sete realizado na catedral da variante, Hong-Kong, constituiu o deleite de 40 mil espectadores diários a par de largos milhões através da televisão.

O espectáculo foi do mais alto nível dentro e fora do campo, com momentos maravilhosos de bom rãguebi quase sempre proporcionados por setes do Hemisfério Sul.

Entre os oito finalistas só dois europeus, França e Inglaterra, sendo os restantes seis do Hemisfério Sul.

Na Plate Cup, o cenário foi idêntico tendo a final sido disputada entre o Tonga e Hong-Kong, com vitória do primeiro por 40-19. No Bowl Cup, a Taça dos últimos, o único triunfo para um país do Hemisfério Norte, os EUA, que na final bateu o Japão por 40-28.

Ao nível do jogo jogado, o ritmo foi alucinante com a pressão defensiva a ser uma das principais armas das equipas, a par do aparecimento do jogo ao pé como solução de eficácia para obter ensaios.

O tempo do "wait and see", do esperar pelo buraco, já lá vai, a pressão defensiva passou a fazer parte de quase todas as situações do jogo.

Os grandes vencedores foram as Ilhas Fidji, desde há muito reconhecidos como os melhores especialistas mundiais nesta variante e favoritos à partida do mundial. Comandados pelo genial Waisale Serevi (119 pontos marcados ao longo do torneio), desde logo o melhor jogador mundial, tiveram em Marika Vunibaka (com 12 ensaios marcados sagrou-se o melhor mar-



Daniel Sá, uma das desilusões portuguesas em Hong-Kong

gador da prova) a sua grande figura.

As Fidji só encontraram oposição forte na final, perante a grande revelação da prova, a África do Sul, que quase os surpreendia, já que chegou a estar a vencer por 14-0 graças a 2 ensaios de Venter. Contudo, os novos campeões do mundo acabaram por virar o resultado para 24-21.

Portugal de quem não se esperavam grandes vitórias, esteve no entanto abaixo das expectativas classificando-se oficiosamente no 24.º e último lugar. A Portugal pedia-se uma vitória no último dia da competição, mas tal não aconteceu, tendo perdido com a Irlanda por 33-5, equipa com quem já tinha empatado numa edição anterior do torneio asiático.

É um facto que os portugueses competiram com a nata do rãguebi mundial, profissionais contra amadores, mas não é menos verdade que renderam abaixo das suas possibilidades.

Contra as Fidji, derrota pesada por 59-0, num jogo em que a apatia lusa foi a nota dominante, apesar dos novos campeões do mundo terem derrotado a Namíbia por margem ainda mais dilatada.

Nesta partida, e durante a primeira parte, o "sete" português não ultrapassou uma única vez o seu meio campo.

Contra Hong-Kong o nível exibicional foi mais aceitável, mas os portugueses nunca estiveram em condições de discutir a vitória.

No segundo dia de prova aconteceram as exibições mais conseguidas do sete nacional, apesar das derrotas frente à Austrália e à Escócia. No terceiro e último dia, nova derrota desta vez frente à Irlanda.

Mundial de Sevens

Em cinco jogos Portugal marcou 31 pontos, fruto da obtenção de cinco ensaios, três dos quais convertidos tendo sofrido um total de 179 pontos.

Os jogadores portugueses nunca se adaptaram à pressão competitiva de um torneio deste nível estando alguns deles na curva descendente das suas capacidades.

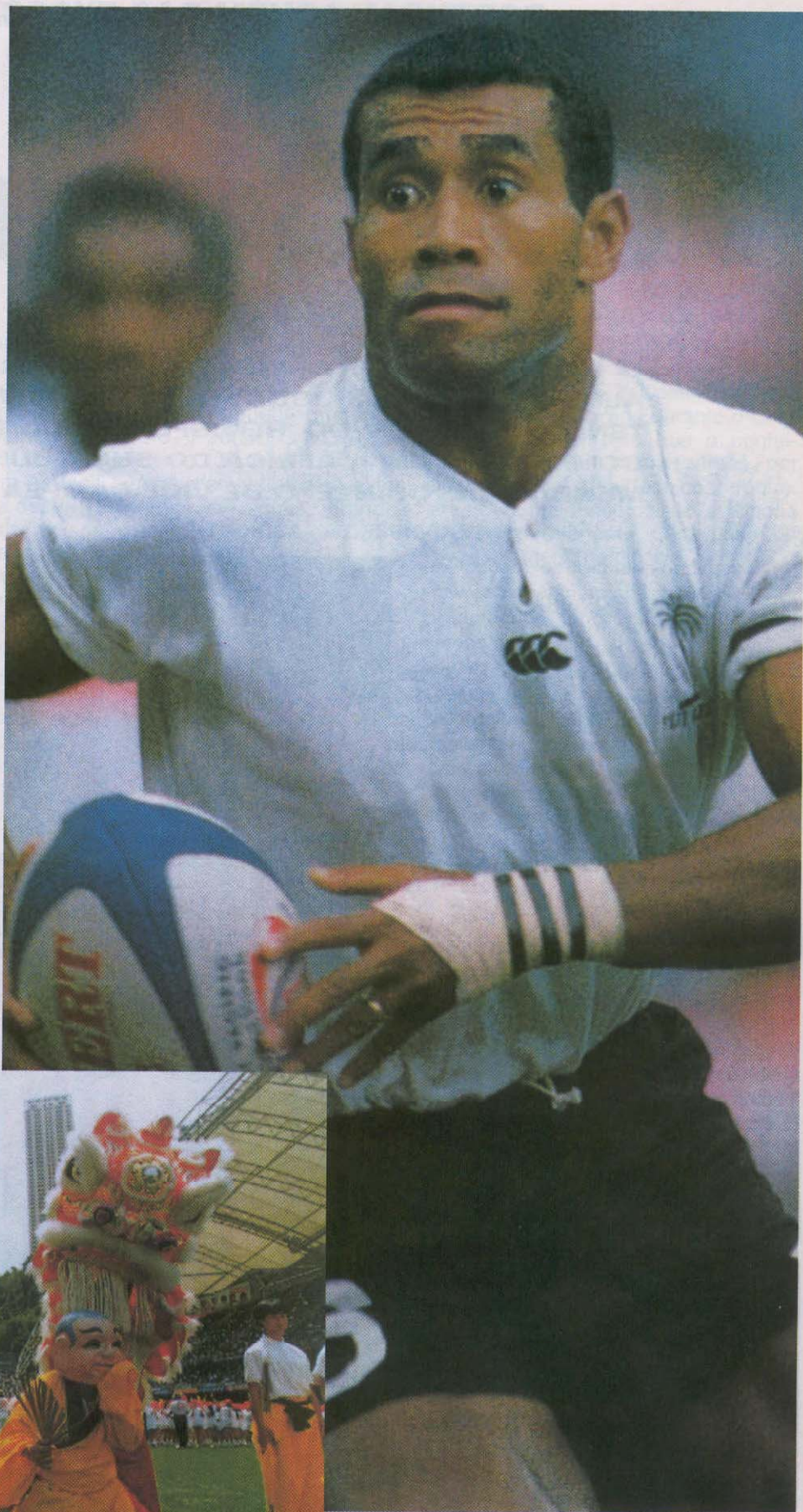
Rohan Hoffman foi de longe o melhor português brilhando na prestação defensiva onde raramente falhou. Pena foi que no último jogo com a Irlanda tenha falhado duas placagens das quais surgiram dois ensaios irlandeses.

João Diogo Marques não comprometeu, enquanto Pedro Netto e Pedro Murinello (teve uma falha incrível na introdução de uma "touche" frente à Escócia) estiveram abaixo do que lhes era habitual não se afirmando como as mais valias verificadas noutras ocasiões.

Vilar Gomes fez um mau torneio, defendeu mal e raramente transmitiu o oval em condições, tendo Nuno Mourão feito um torneio discreto. Luís Pissarra, o suplente mais utilizado pouco habituado às andanças do Sevens não esteve mal empenhando-se totalmente no jogo.

Daniel Sá só jogou o primeiro jogo com uma exibição muito pobre nunca mais voltando a ser utilizado, o mesmo acontecendo a Miguel Barbosa que só jogou com as Fiji por se ter lesionado.

Vasco Durão, o capitão, fez um torneio tristonho com exibições descoloridas, ficando muito aquém do jogador sólido e consistente, referência de eficácia durante alguns anos no rãguebi nacional. ●



Serevi, o melhor jogador de rãguebi de sete do mundo conduziu as ilhas Fiji ao ambicionado título mundial



O belo estádio de Hong-Kong foi palco de um Campeonato do Mundo de grande nível

Mundial de Sevens

HONG-KONG SEVENS

1.º Dia

SÉRIE A

Inglaterra, 33 - Canadá, 12
Zimbabwe, 42 - Canadá, 7
Inglaterra, 26 - Zimbabwe, 7

SÉRIE B

Austrália, 19 - Escócia, 19
Escócia, 26 - Roménia, 14
Austrália, 38 - Roménia, 14

SÉRIE C

N. Zelândia, 47 - Japão, 14
Tonga, 35 - Japão, 7
N. Zelândia, 21 - Tonga, 7

SÉRIE D

Fidji, 59 - Portugal, 0
Hong-Kong, 33 - Portugal, 12
Fidji, 45 - Hong-Kong, 0

SÉRIE E

França, 35 - Estados Unidos, 5
Estados Unidos, 33 - Coreia, 7
França, 38 - Coreia do Sul, 5

SÉRIE F

Espanha, 26 - Marrocos, 5
Ilhas Cook, 31 - Marrocos, 17
Espanha, 31 - Ilhas Cook, 12

SÉRIE G

África do Sul, 45 - Argentina, 7
Argentina, 31 - Irlanda, 22
África do Sul, 38 - Irlanda, 5

SÉRIE H

Samoa, 48 - Namíbia, 5
País de Gales, 12 - Namíbia, 12
Samoa, 26 - País de Gales, 24



HONG-KONG SEVENS

2.º Dia

SÉRIE A

Fidji, 66 - Namíbia, 0
País de Gales, 40 - Namíbia, 5
Fidji, 35 - País de Gales, 0

SÉRIE B

África do Sul, 34 - Irlanda, 7
Hong-Kong, 26 - Irlanda, 5
África do Sul, 29 - Hong-Kong, 5

SÉRIE C

Samoa, 42 - Marrocos, 0
Argentina, 33 - Marrocos, 7
Samoa, 28 - Argentina, 12

SÉRIE D

França, 26 - Roménia, 0
E. Unidos, 12 - Roménia, 17
França, 40 - E. Unidos, 7

SÉRIE E

N. Zelândia, 47 - Japão, 0
Tonga, 35 - Japão, 26
N. Zelândia, 31 - Tonga, 5

SÉRIE F

Inglaterra, 30 - Canadá, 7
Ilhas Cook, 5 - Canadá, 0
Inglaterra, 29 - Ilhas Cook, 10

SÉRIE G

Espanha, 12 - Coreia, 12
Zimbabwe, 10 - Coreia, 21
Espanha, 19 - Zimbabwe, 12

SÉRIE H

Austrália, 26 - Portugal, 7
Escócia, 28 - Portugal, 7
Austrália, 31 - Escócia, 19



MELROSE CUP

QUARTOS-DE-FINAL

Fidji, 56 - Coreia, 0
N. Zelândia, 38 - Austrália, 12
África do Sul, 19 - França, 14
Samoa, 21 - Inglaterra, 5

MEIAS FINAIS

Fidji, 38 - Samoa, 14
África do Sul, 37 - N. Zelândia, 7

FINAL

Fidji, 24 - A. Sul, 21

PLATE CUP

QUARTOS-DE-FINAL

Hong-Kong, 26 - Argentina, 5
Tonga, 26 - P. Gales, 11
Ilhas Cook, 36 - Espanha, 0
Escócia, 43 - Roménia, 19

MEIAS FINAIS

Tonga, 43 - Ilhas Cook, 10
Hong-Kong, 43 - Escócia, 7

FINAL

Tonga, 40 - Hong-Kong, 19

BOWL CUP

QUARTOS-DE-FINAL

Marrocos, 19 - Zimbabwe, 12
Japão, 24 - Namíbia, 22
Estados Unidos, 24 - Canadá, 21
Irlanda, 33 - Portugal, 5

MEIAS FINAIS

Estados Unidos, 24 - Marrocos, 0
Japão, 24 - Irlanda, 22

FINAL

Estados Unidos, 40 - Japão, 28

CDUL SUCUMBIU NO "PLAY-OFF"

Académica campeã: a vitória da regularidade

**OS ESTUDANTES VENCERAM O CAMPEONATO, DESTRO-
NANDO O PENTACAMPEÃO CASCAIS, FRUTO DA CON-
SISTÊNCIA, REGULARIDADE E HUMILDADE DO SEU "QUINZE".
PARA TAL, BENEFICIARAM DA QUEBRA DO CDUL NA FASE
DECISIVA DA PROVA E DA FRACA PRESTAÇÃO DOS CAS-
CALENSES NA FASE INICIAL. BELENENSES E LOUSÃ,
RESPECTIVAMENTE 3.º E 4.º EM 95-96, FORAM A
DESILUSÃO, QUEDANDO-SE EM 96-97 RESPECTIVAMENTE
EM 5.º E 8.º LUGAR.**

Na prova máxima do calendário nacional houve equilíbrio e emoção até final, com a Académica a vencer fruto da enorme regularidade patenteada, e também na alteração do modo de jogo, agora muito mais dinâmico, que surpreendeu tudo e todos.

Os estudantes fizeram uma fase de apuramento excelente com o pleno de vitórias nos jogos em casa, e mais cinco vitórias fora de portas. Nos quatro primeiros jogos da fase final garantiram o título, com duas vitórias frente ao CDUL, Cascais e Académica, tor-

nando as duas derradeiras rondas, frente ao Técnico e Cascais, num passeio que se acabou por saldar em duas derrotas.

A vitória dos comandados de Sérgio Franco, que bem merece este título, ficou

a dever-se à solidez do seu bloco avançado muito forte nas fases estáticas, formação ordenada e alinhamento, ao par de

José Carlos Pires foram determinantes na linha avançada.

João Luís e João Bento constituíram um

par de médios sempre muito lúcido e eficaz, enquanto que o australiano Murray Cox foi o perfume e a mais valia das linhas atrasadas e o melhor estrangeiro do campeonato.

Este título, que desde 78-79 fugia aos estudantes fica-se em grande parte a dever à alteração do seu modo de jogo.

A equipa passou a praticar um rugby completo e de movimento. Constituiu a equi-

pa mais homogénea entre todos os concorrentes, além de ser aquela que em melhor forma chegou à fase decisiva da prova.

O Cascais, a melhor equipa do "play-off" comprometeu tudo na fase de apuramento, com cinco inesperadas derrotas e um



Alcino, Sequeira, Cox e João Bento, foram peças fundamentais no triunfo da Académica
(Fotos de Pedro Paiva e Carlos Carvalho / CM)

médios e à capacidade defensiva e ofensiva das linhas atrasadas, com enorme evolução na presente temporada.

A primeira linha de grande solidez, com Alcino, Sequeira e Macedo, todos internacionais e os N.ºs 7 e 8, Ricardo Vieira e

Campeonato 96/97

CAMPEONATO NACIONAL I DIVISÃO — 96/97 — APURAMENTO

	CASCAIS	CDUL	BELICENSES	LOUSÃ	ACADÉMICA	TÉCNICO	AGRONOMIA	BENFICA
CASCAIS		15-17	20-22	112-0	27-24	17-17	40-22	21-10
CDUL	23-17		20-17	75-12	23-15	21-21	34-9	23-16
BELICENSES	10-13	21-31		40-17	20-21	14-15	42-25	25-15
LOUSÃ	5-33	17-30	0-20		7-33	16-77	18-9	27-5
ACADÉMICA	13-9	26-9	16-3	50-6		12-10	39-12	105-13
TÉCNICO	42-30	21-23	15-26	74-0	28-27		29-16	13-17
AGRONOMIA	15-41	13-31	21-23	27-7	15-30	13-18		17-17
BENFICA	29-78	18-69	9-26	20-14	14-47	7-50	15-13	

empate, que colocaram a equipa a dois pontos, em caso de empate três, da Académica.

No jogo de Coimbra do "play-off", decisivo, perderam por 22-7 ficando irremediavelmente afastados do título.

O Cascais foi no campeonato uma formação algo sobranceira e com pouca capacidade de sofrimento. Se o Cascais do campeonato tivesse sido o Cascais campeão ibérico, sofredor, determinado, empenhado e humilde, talvez outro galo tivesse cantado.

Apesar de tudo foi a equipa que mais pontos marcou no campeonato.

Os cascalenses vivem uma fase de renovação com jogadores como João Jonet, Nuno e Vasco Durão em fim de

carreira não havendo ainda substitutos à altura.

A questão que se coloca é a de saber se Pedro Rogério, Alexandre Lima, os "manos" Vilar Gomes e Pedro Murinello conseguirão ser a base da construção de outra grande equipa.

O CDUL teve um começo de campeonato notável mantendo a invencibilidade até à décima segunda jornada, altura em que começou a derrocada.

Foi um "quinze" *espremido* até à exaustão, centrando todo o seu jogo à volta do "pack" avançado com uma "mellée" e uma "touche" verdadeiramente intratáveis.

Só que a enorme capacidade do bloco avançado nunca foi correspondida nas

DIREITO DE REGRESSO À PRIMEIRA DIVISÃO

O Grupo Desportivo de Direito venceu com grande autoridade o Nacional da II Divisão, aproveitando para fazer um trabalho de qualidade e em profundidade que mais tarde ou mais cedo dará os seus frutos. Em segundo lugar ficou o "quinze" do CDUL seguido do Rugby Clube de Coimbra e do Clube de Rugby de Arcos de Valdevez.

Recorde-se, que caso o Nacional da I Divisão seja alargado, os quatro primeiros classificados da II Divisão jogarão o Nacional maior em 97-98.



Direito, com a sólida equipa que está a construir regressou para ficar

linhas atrasadas, com alguns jogadores muito pouco experientes.

No "play-off", com o regresso às origens da família Ferris o CDUL só ganhou um jogo, sendo o "quinze" menos realizador da série do título.

O Técnico foi uma das equipas que



Técnico e Cascais abaixo das expectativas (foto de Pedro Paiva / CM)

Campeonato 96-97

mais prometeu, não constituindo a desilusão total à custa das vitórias conseguidas nas duas derradeiras jornadas da fase final.

Esperava-se mais dos "engenheiros" cuja grande arma são as linhas atrasadas onde pontificam quatro internacionais de Portugal. Só que a mais valia dos três-quartos nunca foi compensada pelo "pack" avançado, nomeadamente o cinco da frente, um dos menos sólidos do campeonato.

O Técnico terá que se reforçar na linha avançada, e quando isso acontecer, poderá lutar pelo título. Com o seu terreno de jogos de novo no horizonte será sempre um "quinze" a ter em conta.

O Belenenses, que muito prometeu nas últimas temporadas, com uma fornada de jogadores jovens e de grande qualidade não se conseguiu impor.

Foi uma equipa um pouco ambígua, que esteve sempre longe do que dela se esperava. Faltou ao Belenenses, um comando mais forte para potenciar toda a qualidade do seu plantel.

No "play-off" geriu a vantagem adquirida no apuramento, mas nunca deixou de ser uma equipa tristonha. Com jogadores como os da "família" Cunha, Pedro Netto, Miguel Barbosa, João Diogo ou Nuno Melo será sempre uma equipa a ter em conta.

Agronomia começou muito mal, só conseguindo uma vitória e um empate na fase do apuramento. Apesar de tudo foi de

entre as equipas "pequenas" a que mais pontos marcou e menos sofreu.

Evoluiu, e fez um "play-off" de qualidade, sendo a melhor equipa da sua série garantindo a manutenção com algum à vontade.

O Benfica começou bem e até à sexta jornada manteve-se entre os primeiros. A partir daí o "quinze" passou por várias convulsões, acabando por fazer um campeonato discreto e no qual sofreu algumas derrotas muito pesadas, pouco condizentes com o historial dos encarnados, um dos mais ricos da modalidade no nosso país. É um "quinze" muito jovem, onde há muito trabalho a fazer, podendo o regresso de Carlos Nobre ao comando da secção do clube, ser a mola de desenvolvimento do novo Benfica.

A Lousã não conseguiu repetir o excelente campeonato da época anterior, a que não foi alheia uma enorme onda de lesões.

Aos serranos, faltou-lhes esta temporada a clarividência de um "patrão" como aconteceu na época passada com o seu médio de abertura. Três vitórias em vinte jogos é pouco para uma equipa que tanto fez no passado recente. Face ao eventual alargamento do Nacional da I Divisão, o seu último lugar talvez não signifique a descida de divisão, o que constituiria um forte abalo para um dos baluartes do rugby no nosso país. ●

OS CAMPEÕES

1958/59	—	Belenenses
1959/60	—	Benfica
1960/61	—	Benfica
1961/62	—	Benfica
1962/63	—	Belenenses
1963/64	—	CDUL
1964/65	—	CDUL
1965/66	—	CDUL
1966/67	—	CDUL
1967/68	—	CDUL
1968/69	—	CDUL
1969/70	—	Benfica
1970/71	—	CDUL
1971/72	—	CDUL
1972/73	—	Belenenses
1973/74	—	CDUL
1974/75	—	Belenenses
1975/76	—	Benfica
1976/77	—	Académica
1977/78	—	CDUL
1978/79	—	Académica
1979/80	—	CDUL
1980/81	—	Técnico
1981/82	—	CDUL
1982/83	—	CDUL
1983/84	—	CDUL
1984/85	—	CDUL
1985/86	—	Benfica
1986/87	—	Cascais
1987/88	—	Benfica
1988/89	—	CDUL
1989/90	—	CDUL
1990/91	—	Benfica
1991/92	—	Cascais
1992/93	—	Cascais
1993/94	—	Cascais
1994/95	—	Cascais
1995/96	—	Cascais
1996/97	—	Académica



CDUL e Cascais, embora com comportamentos diferentes, também estiveram na corrida para o título (foto de Pedro Paiva / CM)

Campeonato 96-97



Benfica e Agronomia jogaram o "play-off" da descida (Foto Pedro Paiva / CM)

"CHICOTADAS" NO RUGBY

O campeonato deste ano teve uma novidade, o grande número de equipas que mudou de comando técnico.

Só Académica, Agronomia, Técnico e CDUL mantiveram os seus treinadores durante toda a temporada. Mesmo assim os "engenheiros" contrataram a meio da época um treinador inglês para trabalhar com José Paixão.

No CDUL, o consagrado neozelandês Ferris regressou ao país natal antes do campeonato acabar, talvez um dos motivos da "débacle" dos universitários.

O Cascais que começou a época orientado por um grupo de jogadores, teve no sul-africano Dobson um treinador passageiro que conquistou a terceira Taça Ibérica para o clube, regressando pouco depois ao seu país. No Belenenses Carlos Caldas foi afastado sendo substituído por Miguel Jácome.

Na Lousã, a solução "familiar" sul-africana pai treinador e filho jogador, pouco durou tendo voltado à África do Sul a meio do campeonato.

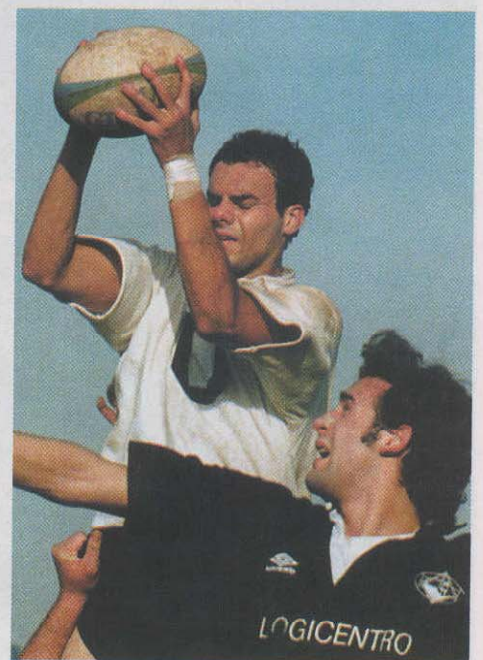
O Benfica começou com o antigo pilar internacional Octávio, passou pelo treinador da época passada Albertino Minhoto e acabou com José Mendes.

Estaremos a assistir à futebolização do rugby?

FASE FINAL

SÉRIE DO TÍTULO					SÉRIE DA DESCIDA				
	ACD	CAS	CDUL	TÉC		BEL	BENF	LOUSÃ	AGR
ACD		22-7	33-8	58-21	BEL		26-9	71-9	11-25
CAS	31-13		29-14	81-30	BENF	43-38		23-11	22-34
CDUL	17-25	32-61		50-28	LOUSÃ	17-23	32-21		3-3
TÉC	35-19	18-47	41-15		AGR	22-24	54-20	42-13	

		FASE APURAMENTO					FASE FINAL					PONTUAÇÃO FINAL	
		JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	M / S	PONTOS	JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS		M / S
1.º	ACADÉMICA	14	11		3	458-196	36	6	4	2	170-119	14	32
2.º	CASCAIS	14	8	1	5	473-249	31	6	5	1	256-129	16	32
3.º	CDUL	14	12	1	1	439-238	39	6	1	5	136-217	8	28
4.º	TÉCNICO	14	8	2	4	430-239	32	6	2	4	173-270	10	26
5.º	BELENENSES	14	8		6	309-238	30	6	4	2	193-125	14	29
6.º	AGRONOMIA	14	1	1	12	231-384	18	6	4	1	180-93	15	24
7.º	BENFICA	14	3	1	10	205-528	21	6	2	4	138-195	10	21
8.º	LOUSÃ	14	2		12	136-605	18	6	1	1	85-183	9	17



O universitário Sommer, um saltador de qualidade (Foto Vítor Rios / CM)

ROHAN HOFFMAN DE CORPO INTEIRO

Um "português" dos Antípodas

CHEGOU A PORTUGAL EM 1993 PARA JOGAR UMA ÉPOCA NO TÉCNICO. ENTRETANTO GOSTOU DO CLIMA, APAIXO-NOU-SE PELO PAÍS E RENDEU-SE AOS ENCANTOS DE UMA CERTA JOÃO... POR CÁ SE MANTÉM, RECONHECIDO COMO UM DOS NOSSOS MELHORES JOGADORES, CATIVANDO PELA SIMPATIA, E DESDE 1995 TORNOU-SE O PRIMEIRO ESTRANGEIRO A ENVERGAR A CAMISOLA DA SELECÇÃO PORTUGUESA.



RM - Como é que o Rohan aparece em Portugal?

RH - Após ter feito os dois primeiros anos do curso de gestão na Universidade na Austrália, e como não estava a gostar muito do curso, resolvi tirar um ano para viajar, vir até a Europa e conhecer outras gentes.

RM - E veio logo directo para cá?

RH - Não. Fui directamente para Inglaterra, onde joguei uma época nos London Scottish da I Divisão inglesa, a equipa treinada pelo antigo seleccionador de Portugal, Andrew Cushing, e na qual ainda fiz alguns jogos na primeira equipa.

RM - E então como surgiu a hipótese de vir jogar para o nosso país?

RH - O Técnico, através do seu treinador José Paixão, pediu ao Andrew Cushing que indicasse um jogador para as linhas atrasadas que pudesse reforçar a equipa. E ele sugeriu o meu nome. Então resolvi vir até cá ver como era o país, o estilo de rãguebi que se praticava, para saber o que me esperava.

RM - E gostou do que viu?

RH - Vim assistir à final da Taça de Portugal de 1993 (NR: com vitória do Cascais sobre o CDUL) e gostei do rãguebi a que assisti. Mais aberto e menos em força, parecido com o que eu jogava na

Destaque

Austrália. Ao contrário do rúgubi inglês, que naquela altura era só chutar, chutar, vi que aqui se corria mais com a bola nas mãos, tal como eu gosto. Também percebi que o nível era um bocado mais baixo em relação ao que estava habituado. Lembro-me ainda que no dia em que cá cheguei, tinha saído de Londres com 3 graus negativos e em Lisboa estavam 24. Pensei comigo, isto é uma maravilha, vou ter que cá ficar por uns tempos.

RM - Mas entretanto a intenção inicial de ficar só por um ano espumou-se pois algo aconteceu. Ou melhor, alguém surgiu...

RH - Foi. Conheci a João logo nos primeiros dias em que cá cheguei, já que ela é cunhada do talonador do Técnico, o António Quartel. Curiosamente nem foi um amor à primeira vista. Mas depois começámos a conhecer-nos melhor, e então eu resolvi manter-me por cá depois do Verão e jogar mais um ano, para ver o que dava. Já vou na quarta época... e deu em casamento.

RM - Acha que o rúgubi em Portugal está a evoluir?

RH - Não tenho dúvidas que está a melhorar, especialmente nos últimos dois anos. Talvez pela influência de alguns estrangeiros de bom nível que por cá jogam. Mas também porque os jogadores portugueses, que fazem normalmente parte dos grupos de trabalho das várias selecções, estão a evoluir técnica e fisicamente. E isso acaba por reflectir-se no melhor jogo das várias equipas.

RM - O Rohan foi o primeiro estrangeiro a jogar na selecção nacional. Como é que surgiu essa possibilidade?

RH - Olhe, não estava nada à espera. Casei em Julho de 1995 e no início da época passada, o João Paulo Bessa falou comigo, disse-me que tinha contactado a International Board para saber que possibilidades eu tinha de representar Portugal, e perguntou-me se eu estava interessado. E eu nem pensei duas vezes, disse logo que, se fosse possível, adorava. E posso garantir que tenho trabalhado bem, para merecer a confiança dos técnicos e poder honrar a camisola de Portugal.

RM - Em que posição prefere jogar?

RH - Arrière, sem dúvida. Quando jogo a médio-de-abertura sinto-me muito fechado, não posso fazer nada...

RM - A Austrália não está a passar por um bom momento e, presentemente, situa-se num patamar abaixo dos rivais All Blacks e Springboks. Como vê o futuro do rúgubi australiano?

RH - Como em todas as equipas, a Austrália tem altos e baixos, e realmente nos tempos actuais, a selecção está numa fase má. Mas há imensos jogadores jovens a aparecer, que estão a ser experimentados, e não tenho dúvidas que dentro de pouco tempo vão surgir novos Campeses e Lynaghs. Com o potencial que lá existe, acredito que no Mundial de 1999, a selecção vai estar mais poderosa e certamente que irá discutir o título.

RM - A entrada do dinheiro na modalidade preocupa-o? Como vê o futuro?

RH - Não me preocupa, antes pelo contrário. Mas acho que o rúgubi vai ser sempre um jogo de amor, praticado apenas por quem gosta de o jogar. Em Portugal penso que só os estrangeiros que vêm cá jogar podem viver com o dinheiro

que receberem. Lá fora, por exemplo no Super 12 e no Torneio ANZA, o nível está muito elevado, e a modalidade parece-se com o futebol. Mas só para os melhores jogadores. Este ano estive na Austrália e pude constatar que os clubes estão na mesma, não têm dinheiro e continuam a passar por dificuldades. Só ao mais alto nível é que existem grandes verbas. Agora em Inglaterra tem sido demasiado, mas o que é um facto é que graças ao dinheiro os jogadores preocupam-se em dar espectáculo e têm vontade de arriscar mais um bocado. E os espectadores vão cada vez exigir melhores jogos.

RM - Qual é a sua receita para melhorar o rúgubi português?

RH - Portugal está pertíssimo do nível da Espanha, pelo menos a nível de selecções principais, como se viu há poucos dias. Mas no resto as realidades são bem diferentes. O que falta é dinheiro, mas não para os jogadores, para a modalidade. Faltam apoios, patrocinadores, que consigam arrastar público. Ter assistências de 3.000 espectadores como houve no último Académica-CDUL decisivo para o título, devia ser uma constante. Quanto mais gente vier assistir, mais pessoas vão perceber o jogo e gostar dele.

RM - E para acabar. Já pensou em qual vai ser o seu (vosso) futuro?

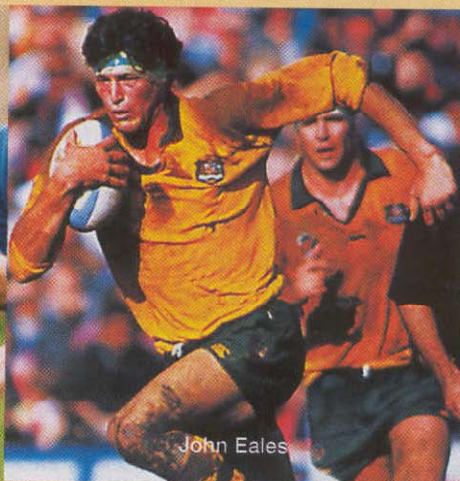
RH - Vou cá ficar pelo menos mais três anos. A João está a terminar um segundo curso, e eu francamente, também não tenho muita pressa de voltar para a Austrália. Adoro viver cá, pois Santa Cruz é quase um paraíso, tem praia, é um sítio calmo e muito bom para se viver. ●

OS JOGADORES PREFERIDOS

"Em Portugal gosto muito do P. Rogério (Cascais), que quando está em forma é uma máquina, do Pedro Netto (Belenenses) e do meu companheiro do Técnico, o Alfredo Simões. A nível internacional, no meu posto, o André Joubert (África do Sul), também o John Eales, actual capitão da Austrália, que conheço bem, com quem joguei na primeira equipa da nossa escola em Brisbane, e que é um tipo bestial, além de grande jogador. Claro, o Lomu (uma máquina), David Campese (espectacular), o Michael Lynagh e o Grant Fox, dois verdadeiros líderes."



Pedro Rogério



John Eales



À LUPA

Rohan Hoffman

DATA DE NASCIMENTO: 14 de Janeiro de 1972

LOCAL DE NASCIMENTO: Brisbane (Austrália)

IDADE COM QUE INICIOU PRÁTICA DE RÂGUEBI: 6 anos

OUTROS DESPORTOS FAVORITOS: Futebol (espectador) e Surf (praticante)

HOBBY: Surfar (para acalmar)

COMIDA PREFERIDA: Spaghetti bolo-gnese

BEBIDA: Rum com coca-cola

FILME: Braveheart

ACTORES: Dustin Hoffman (não é da família!) e Michelle Pfeiffer

CARRO: O do sogro e Opel Corsa Turbo Diesel (a estrear)

ONDE VIVE: Santa Cruz

PASSEIO PREFERIDO: Cercal do Alentejo

MULHER: João

PROFISSÃO ACTUAL: Professor de inglês na International House de Torres Vedras

O MAIS DE PORTUGAL: Clima e comida

O MENOS DE PORTUGAL: Falta de organização

O MAIS NOS PORTUGUESES: A sua abertura

O MENOS NOS PORTUGUESES: Pouca preocupação com o ambiente



Visto pelos outros

"Além de excelente jogador, é um verdadeiro atleta, com grande disponibilidade para treinar. Nota-se que teve em jovem um bom trabalho de base. É pena que devido ao local onde vive e vida profissional, os índices físicos que chegou a apresentar quando iniciou os trabalhos conosco, tenham vindo a baixar. Apesar do acompanhamento que lhe vamos dando – e que exige da sua parte um enorme sacrifício – as suas actuais possibilidades de treino não permitem a melhoria desses índices. Mesmo assim, é ainda na selecção nacional o detentor dos melhores valores de impulsão vertical e *sprints* de 20 e 50 metros. Dá gosto trabalhar com ele".

António Coelho (Adjunto do Seleccionador Nacional).

"Como pessoa, é excepcional. Fora de campo é muito social, aberto, um australiano típico. Como jogador acho que a selecção só teve a ganhar com a sua inclusão no grupo. É muito forte fisicamente e como *arrière* dá uma enorme segurança lá atrás. É rápido, tem óptima colocação, defende e chuta bem. Uma das suas melhores características é ser muito seguro nas bolas altas, é notável a maneira como ele voa para apanhar uma bola que vem pelo ar."

Nuno Mourão (Jogador do Técnico e Selecção Nacional)

"Excelente como pessoa, integrou-se da melhor forma na equipa. Nunca regateou esforços, empenha-se sempre a cem por cento e tem um notável espírito de sacrifício. Como jogador de uma escola mais evoluída não se acomodou quando chegou ao clube. Nunca se sentiu superior, antes pelo contrário. É sempre o primeiro a executar, a cumprir, a seguir as instruções que recebe. Além disso, estimula os companheiros a progredir. Acho que as posições que melhor se coadunam com as suas características são as de *arrière* ou segundo-centro. Penso ainda que pode evoluir em algumas áreas, tal como a de decisão de jogo, especialmente em lances de contra-ataque. Deve igualmente trabalhar mais o seu jogo ao pé, que é presentemente de nível inferior ao das suas outras componentes.

José Paixão (Treinador do Técnico)

A ORGANIZAÇÃO DO RÂGUEBI PORTUGUÊS



PEDRO SOUSA RIBEIRO

As recentes polémicas que têm estado no centro das atenções do Râguebi português, o já muito discutido diferendo entre os jogadores e o seleccionador nacional de seniores e a recente questão da atribuição do título de campeão nacional, não são os problemas mais prementes do Râguebi Português, pese embora a sua importância relativa.

O nosso Râguebi debate-se com uma falta clara de rumo estratégico a seguir, e com uma muito evidente falta de organização interna a todos os níveis. E a resolução destes problemas é muito mais importante do que as polémicas à volta das quais todos nós gostamos de especular.

Sendo a Federação a emanação de todos os praticantes e interessados associados em clubes, e a sua Direcção o órgão executivo, compete a esta traçar um Plano estratégico que, após consulta a todos os Clubes e Associações (Regionais, de Árbitros e de Treinadores) possa servir de guia de acção com base no qual se deveria desenvolver toda a actividade federativa.

Mas esse plano ou não existe ou não é conhecido dos principais interessados — os Clubes — por não ter sido apresentado nem muito menos discutido. Urge pois

dar corpo a um documento orientativo do modelo de desenvolvimento que pretendemos seguir para o Râguebi Português.

Um plano deste tipo deverá contemplar pelo menos as vertentes seguintes:

- Expansão do Râguebi a novas áreas de influência.
- Consolidação dos clubes existentes.
- Formação contínua dos agentes desportivos: treinadores, árbitros e jogadores.
- Objectivos da actividade internacional.

Um desenvolvimento harmónico, e é nisso que deveremos estar interessados, deverá contemplar todas estas áreas.

Se, por um lado for privilegiada uma área em detrimento de outras, poderemos vir a ter distorções importantes que, a prazo, porão em risco todas as outras acções desenvolvidas.

O nosso Râguebi tem ainda uma expressão limitada no âmbito do Desporto Português. A sua expansão a novas zonas é portanto uma acção vital para o seu desenvolvimento. A criação de novos centros de prática em locais como Braga, Aveiro, Viseu, Leiria e Setúbal deverão fazer parte integrante de qualquer Plano estratégico. Por outro lado é indispensável dar uma muito maior notoriedade ao Râguebi. Mas para que essa notoriedade se vá criando, teremos de ser credíveis nas nossas acções e para que isso aconteça a Organização é uma componente essencial. O exemplo organizativo deverá partir do topo para a base, isto é, a FPR deverá ser modelar na sua organização definindo claramente as

regras do jogo e dotando-se de uma administração eficiente.

A consolidação dos clubes mais novos ou mais frágeis é também tarefa fundamental. Não poderemos deixar desaparecer polos de prática como Viana, Famalicão, Caldas da Rainha, Montemor, Loulé, etc., sob pena de ser perdido o esforço que muitos interessados têm dado ao Râguebi nacional. Para que esses clubes se fortaleçam, é necessário conhecer os seus problemas e apoiá-los com meio técnicos e financeiros que lhes permitam subsistir e desenvolver-se. Uma estrutura técnica federativa que esteja disposta a trabalhar e a dedicar-se a pelo menos 100%, a esta tarefa, será fundamental para o sucesso. Estruturas técnicas em *part-time* de nada servem e só constituem uma má utilização dos recursos disponíveis.

A formação continuada é cada vez mais importante em todas as actividades da vida, quer empresarial, quer de outras índoles. O Râguebi não é excepção. Por isso esta área terá que, indispensavelmente, fazer parte integrante de um Plano estratégico. E aí também a estrutura técnica federativa terá uma acção primordial quer na área editorial quer na área da formação em campo. A vertente internacional, quer pela notoriedade interna que poderá acarretar, quer pelo prestígio internacional que lhe poderá estar associada, é cada vez mais um factor essencial a ser considerado. As mais recentes prestações do Râguebi Português a nível internacional têm sido, na generalidade, dignificantes em qualquer dos escalões

em que temos competido: Seniores, Juniores e Juvenis. É evidente que temos que ter consciência da posição em que nos situamos e não acalentar miríficas pretensões de competir com a 1.ª Divisão do Râguebi mundial. Isso no Râguebi não é positivamente possível! Deveremos no entanto tentar continuar a fortificar a nossa posição dentro do escalão em que nos situamos. Um bom exemplo disso foram as recentes e excelentes prestações da Selecção de Juvenis, que teve uma actuação altamente prestigiante face a adversários da 1.ª Divisão do Râguebi europeu, bem como os resultados da Selecção de Seniores no Campeonato FIRA desta época.

Quando se define uma campanha internacional há que a situar no contexto mais amplo de todo o fenómeno, e não a circunscrever a objectivos pontuais que poderão, a médio prazo, ter consequências totalmente opostas aos objectivos inicialmente pretendidos, se bem que pontualmente possam ter um outro sucesso que não deixará nunca de ser efémero. Nem tão pouco as outras áreas se poderão subordinar a esta e às sucessivas alterações de calendário de que a presente época foi um exemplo a não repetir. Por outro lado, o binómio Custo-Benefício terá imperativamente que ser sempre considerado.

Mas para que qualquer plano tenha sucesso é fundamental haver ORGANIZAÇÃO. E é dessa organização que o Râguebi português tão urgentemente precisa. ●

MANUTENÇÃO NO "RANKING" EUROPEU

Vitórias históricas

PORTUGAL REALIZOU AO LONGO DA ÉPOCA UM PERCURSO NOTÁVEL, COM A EXCEÇÃO DA PRESENÇA EM HONG-KONG, COMEÇANDO COM UMA VITÓRIA RECORD FRENTE À HOLANDA E TERMINANDO COM UMA AMARGA E INJUSTA DERROTA EM MADRID.

Portugal na temporada de 96/97 teve uma evolução assinalável, com vitórias frente à Holanda, Tunísia e Geórgia, e duas derrotas com a Espanha (uma em jogo particular), o que permitiu manter o nono lugar no "ranking" da FIRA, e não "cair" numa série "impossível" nos próximos desenvolvimentos da Taça do Mundo de 99.

No encontro com a Holanda bateram-se dois recordes, o do resultado mais desnivelado de sempre tendo-se também ultrapassado a barreira dos cinquenta pontos num só jogo.

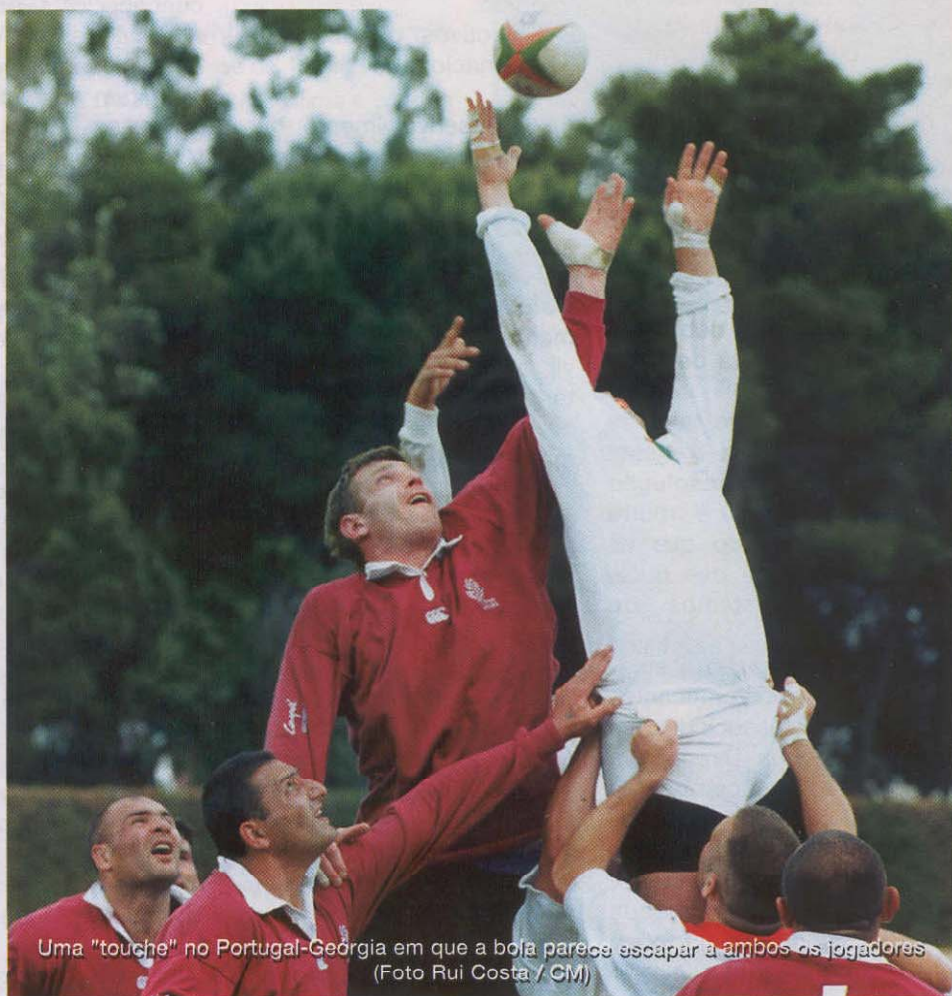
Outro facto importante foi a vitória na Tunísia, a primeira contra os africanos fora de portas, e o triunfo sobre a Geórgia, não pelo jogo jogado nem pelo nível exibicional apresentado mas por tudo o que antecedeu e envolveu a partida.

Com a Holanda uma exibição de grande qualidade, coroada com um resultado histórico atingindo-se um score à partida distante das mais optimistas cogitações.

A Seleção Nacional só teve algumas dificuldades nos reagrupamentos, dominando em todos os outros capítulos do jogo.

Houve ligação entre avançados e três-quartos, com uma série de encadeamentos de grande nível em que a plasticidade e a beleza dos movimentos foi a tônica.

Uma exibição em que o colectivo foi o grande vencedor, teve em Rohan Hoffman, que se mantenha em Portugal por muitos e bons anos, o seu expoente máximo.



A forma como criou espaços, como ganhou metros de terreno, e como puxou pela equipa em momentos "tremidos" fizeram dele a grande figura do jogo. Exibição a não esquecer, e que Rohan não esquecerá, tal foi a ovação que recebeu quando foi substituído a escassos cinco minutos do fim.

Na Tunísia, jogo fundamental em que só a vitória interessava, mais a mais depois do sucesso frente à Holanda. Muitas expectativas se criaram numa vitória fácil. O triunfo foi árduo, suado, tendo Portugal batido os tunisinos pela primeira vez em África.

Seleção 96/97

Um ensaio bastou, mais um de Rohan Hoffman, para que Portugal continuasse em frente na prova máxima da FIRA podendo jogar o acesso à final, em Lisboa, com a Geórgia.

Com a Geórgia, Portugal teve enormes dificuldades nas fases de conquista da bola, nomeadamente nos reagrupamentos e alinhamento, onde os georgianos dominaram quase por completo.

Nas formação ordenada o "quinze" nacional foi claramente superior, tendo mesmo marcado o segundo ensaio a partir de uma bola ganha sob introdução adversária.

Nas linhas atrasadas os portugueses foram sempre superiores, tendo várias vezes ultrapassado a linha da vantagem faltando muitas vezes o apoio do bloco avançado para se tornarem em jogadas de ensaio.

O jogo foi muito equilibrado, tendo ambos os

"quinzes" apresentado modos de jogo completamente distintos. Portugal tentou abrir às linhas atrasadas, enquanto a Geórgia

preferiu o jogo em perfuração pelo bloco avançado. Durante toda a partida, o médio de abertura georgiano não abriu uma única bola aos seus

três-quartos, optando por jogar sistematicamente ao pé.

A linha avançada embora dominada em grande parte do jogo, nunca virou



Marcelo D'Orey num dos pontos movimentados e perigosos de sucesso dos avançados portugueses (Foto Rui Costa / CM)

ESPAÑA, 31 PORTUGAL, 20	PORTUGAL, 55 HOLANDA, 11	TUNÍSIA, 6 PORTUGAL, 11	PORTUGAL, 21 GEÓRGIA, 17	ESPAÑA, 25 PORTUGAL, 18
10 de Nov. 96 Madrid Portugal – Alcino Silva (Sérgio Ferreira), Paulo Silva, Joaquim Ferreira, Pedro Rogério, Marcelo D'Orey, António Cunha, Miguel Barbosa, Alexandre Lima, Pedro Netto, Nuno Mourão, Vilar Gomes, João Diogo Marques, Vasco Durão, Pedro Murinello, Rohan Hoffman.	23 Novembro 96 Lisboa Portugal – Alcino Silva, Sérgio Ferreira, Paulo Silva, Joaquim Ferreira, Pedro Rogério, Marcelo D'Orey, Alexandre Lima, Pedro Netto, Luís Pissarra, Nuno V. Gomes, Miguel Portela, João Diogo Marques, Vasco Durão, Pedro Murinello, Rohan Hoffman, Nuno Mourão.	7 de Dezembro 96 Tunis Portugal – Alcino Silva, Paulo Silva, Joaquim Ferreira, Marcelo D'Orey, Pedro Rogério, Alexandre Lima, Miguel Barbosa, Pedro Mello Castro, Luís Pissarra, Nuno Mourão, João Diogo Marques, Vasco Durão, Pedro Murinello, Miguel Portela, Rohan Hoffman, Sérgio Ferreira, António Cunha, Alfredo Simões.	19 de Abril 97 Lisboa Portugal – Alcino Silva, Paulo Silva (Luís Sequeira), Joaquim Ferreira (Sérgio Ferreira), Marcelo D'Orey, Rebelo de Andrade, Melo e Castro, Ricardo Vieira (António Cláudio), José Carlos Pires, Luís Pissarra, João Bento, João Varela, Nuno Mourão, Salvador Amaral, Miguel Portela e Rohan Hoffman.	11 de Maio 97 Madrid Portugal – Joaquim Ferreira, Paulo Silva e Alcino Silva (Sérgio Ferreira), Rebelo de Andrade e Marcelo D'Orey, Melo e Castro, Ricardo Vieira, José Carlos Pires (cap.) (António Cláudio), Luís Pissarra e João Bento (Gonçalo Neto), Miguel Portela, Nuno Mourão, Salvador Amaral, João Varela (Sérgio Azevedo), Rohan Hoffman.

a cara à luta, garantindo o número de bolas de qualidade que permitiram alcançar a vitória.

Na equipa portuguesa o destaque vai para a primeira linha e para o par de médios, Pissarra e João Bento, que mantiveram sempre a dinâmica e o movimento no "quinze" nacional.

Esta vitória ficou marcada por dois factos. Um, a estreia simultânea de seis jogadores no "quinze" nacional, e outro, as bárbaras e inqualificáveis agressões da quase totalidade dos georgianos ao árbitro no final da partida.



Rebello de Andrade, o regresso de um veterano cheio de fibra à selecção nacional (Foto Pedro Paiva / CM)

Em Espanha, no jogo decisivo, após uma primeira parte de sonho – do melhor a que já assistimos a uma selecção nacional – e que permitiu a Portugal atingir o intervalo a vencer por 15-8, o XV português acabou por baquear perante uma formação espanhola bem longe do seu melhor, **especialmente devido à excelente actuação lusa**. O início de jogo não poderia ter sido mais favorável, pois logo aos 6 minutos, Miguel Portela aproveitou um clamoroso erro adversário – tentativa de um alinhamento rápido – e interpôs-se para o primeiro ensaio. Até aos 25 minutos a **selecção nacional, cheia de personalidade e empolgada, dominou a partida perante uns espanhóis incrédulos** e emudecidos pela exibição portuguesa. Contudo aos 14 minutos surgiu aquele que para nós foi o momento-chave do encontro. O abandono por lesão

INDISPONÍVEIS

No período pós Hong-Kong Sevens e que antecedeu o Portugal-Geórgia, houve uma larga contestação e posterior indisponibilidade para jogar na selecção, de uma série de jogadores habituais nos trabalhos do quinze nacional, ao treinador João Paulo Bessa.

Neste jogo, a menos que se esteja abrangido por outros compromissos para além do pessoal, como seja o estatuto de alta competição, toda a gente deve ter o direito de jogar onde quer, com quem quiser e orientado por quem mais lhe aprouver.

Se as condições julgadas necessárias para jogar na selecção não se verificarem, depois de larga ponderação e meditação individual, e só individual, assiste ao jogador o direito de não representar o seu país. Decisão difícil, que fica com quem a toma, desde que assumida no momento certo e não prejudicando terceiros.

Não foi o que aconteceu.

Um grupo alargado de habituais internacionais (a contestação terá sido só de jogadores?) – alguns não estiveram em Hong-Kong – mostrou-se indisponível para trabalhar sob as ordens do seleccionador a meio de uma campanha internacional e num período crucial para o rãguebi português.

Todos têm o direito de pensar de forma diferente, de contestar, de opinar, de propor, mas não o de pressionar, diríamos coagir, a quinze dias de um jogo fundamental.

Admitamos, embora assim não pensemos, que os jogadores poderiam ter razão na sua contestação perante um treinador que durante anos a fio lhe proporcionou conquistas várias – campeonatos, taças, vitórias internacionais, notariade – embora se estranhe que só naquele momento preciso se tenha feito luz nos seus espíritos.

Só havia uma atitude a tomar, levar o barco a bom porto, acabar a campanha internacional por respeito pelo país, pela camisola da selecção nacional e por eles próprios.

Tal não aconteceu, a direcção federativa não cedeu às pressões e, em boa hora, tomou a decisão de que jogaria na selecção quem estivesse disponível. Em boa hora para o rãguebi português, por vários motivos. O primeiro foi o de provar que dirigente dirige, treinador treina e jogador joga. O segundo foi o de ter ficado provado que em Portugal já existe um leque alargado de jogadores com capacidade para jogar na selecção nacional (da equipa que jogou com a Geórgia e Espanha só João Bento não tinha passado pelos trabalhos das selecções), sem grandes modificações no rendimento do "quinze" ou alterações significativas no modo de jogo.

É óbvio que jogadores como Pedro Rogério, Alexandre Lima, Miguel Barbosa, Pedro Netto, Pedro Murinello, Nuno e José Maria Vilar Gomes poderiam fazer falta ao "quinze" nacional, melhorando o seu rendimento e criando-lhe mais valias.

Mas o que se provou é que não há insubstituíveis, e que o rãguebi foi, é, e será sempre um jogo colectivo, em que o sucesso começa no colectivo passando a realização individual, pessoal, de cada um pelo atingir dos objectivos do grupo.

Os indisponíveis fizeram e fazem falta, mas ao mesmo tempo não fizeram falta nenhuma. Para a história fica quem vestiu a camisola nacional, e não quem não a quis envergar.

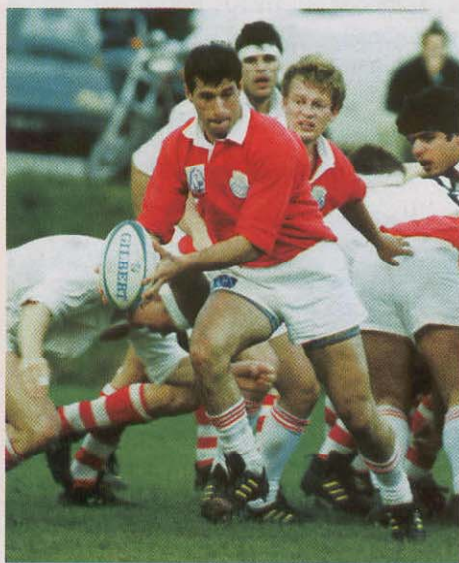
Luís Claro

Seleção 96/97

grave do capitão José Carlos Pires, e que pese embora o bom jogo do substituto Cláudio, viria a marcar claramente a nossa selecção, **dada a sua grande influência, experiência e mando em toda a equipa.** Perto do intervalo Portugal marcou de novo, desta feita por João Bento, que após juntar sucessivos adversários marcou um **ensaio de excelente recorte.**

A segunda parte, contudo, viria a ser diferente, apesar de Nuno Mourão logo aos 4 minutos ter aumentado o resultado para 18-8 através de um pontapé de penalidade. Devido à forte reacção espanhola, a nossa avançada começou a ter maiores dificuldades para sustentar o *pack* adversário no jogo aberto, e as linhas atrasadas já não criavam tantos embaraços aos espanhóis como no primeiro tempo.

O médio-de-abertura João Bento – que devido à amigdalite que o **afectou nos últimos dias, esteve em**



José Carlos Pires, de novo a liderar o "quinze" nacional, lesionou-se em Espanha (Foto Jorge Paula / CM)

dúvida, tendo só de madrugada tido autorização médica para alinhar – ressentiu-se do esforço desenvolvido nos primeiros 40 minutos, e Portugal passou quase apenas a defender. Sempre bem, mas isso não obstou que a Espanha aos 20 minutos empatasse a partida (18-18) com um ensaio de Souto, e viesse aos 31 a obter um ensaio mal validado, devido a ter sido precedido de obstrução que lhe daria a vitória, através do experiente defesa Francisco Puertas, que na sua 88ª internacionalização, **teve uma tarde desastrada, especial-**

PAÍSES	N.º JOGOS	V	E	D	PONTOS	
Espanha	18	2	1	15	169	376
Marrocos	10	4	1	5	123	121
Itália	10	1	1	8	66	215
Bélgica	10	6	2	2	129	96
Tunísia	9	4	0	5	128	123
Holanda	8	5	1	2	150	105
Polónia	6	3	0	3	85	85
Suíça	4	4	0	0	125	4
Roménia	5	0	0	5	40	256
Alemanha	5	2	0	3	82	95
Zimbabwe	3	1	0	2	36	102
Jugoslávia	3	2	1	0	38	21
França	3	0	0	3	38	154
URSS	2	0	0	2	9	79
Suécia	2	2	0	0	32	19
Namíbia	2	0	0	2	21	116
Dinamarca	2	2	0	0	85	19
Andorra	2	2	0	0	62	21
Checoslováquia	2	2	0	0	33	13
República Checa	1	1	0	0	19	18
País de Gales	1	0	0	1	11	102
Geórgia	1	1	0	0	21	17
TOTAL	109	44	7	58	1502	2157

mente na primeira metade do encontro.

No último minuto do jogo, a selecção nacional viria a marcar um ensaio que lhe daria o empate, após grande jogada de Salvador Amaral concluída por Rohan, mas o fiscal-delinha português João Valente assinalou pé fora do terreno de jogo ao "centro" português, perante a

incredulidade dos próprios jogadores e público espanhol... Nesta derrota com um travo bem amargo, toda a selecção portuguesa esteve bem, mas podemos destacar os jogadores da primeira linha Alcino, Joaquim Ferreira e Sérgio, Melo e Castro, Luís Pissarra, João Bento (uma exibição plena de sacrifício), Nuno Mourão, Salvador e Miguel Portela. ●



Dos quinze jogadores que em Maio de 95 jogaram o 100.º jogo na Alemanha só quatro defrontaram a Espanha em Maio de 97

	Jogos	V	E	D	Pm	Ps
Jogos em casa	57	26	2	29	816	1042
Jogos fora	51	18	5	28	693	1083
Terreno neutro	1	0	0	1	3	32
Maior vitória	– Casa - 55-11 (Portugal-Holanda – 23/11/96) – Fora - 3-40 (Dinamarca-Portugal – 8/4/84)					
Maior derrota	– Casa - 11-102 (Portugal-País de Gales – 17/5/94) – Fora - 92-0 (Roménia-Portugal – 13/5/96)					
Jogos em que Portugal não sofreu pontos - 7						
Jogos em que Portugal não marcou pontos - 4						

Todos os jogos

1	13-04-35	Portugal - Espanha	05-06	Lisboa	56	18-10-86	Roménia - Portugal	43-07	Birlad
2	28-04-36	Espanha - Portugal	16-09	Madrid	57	18-01-87	Portugal - Itália	03-41	Lisboa
3	05-04-54	Espanha - Portugal	23-00	Madrid	58	08-02-87	França - Portugal	38-06	St. Vicent Tyrosse
4	01-05-65	Portugal - Espanha	09-12	Lisboa	59	04-04-87	Zimbabwe - Portugal	35-09	Harare
5	27-03-66	Espanha - Portugal	03-09	Madrid	60	11-04-87	Zimbabwe - Portugal	50-09	Harare
6	24-04-66	Bélgica - Portugal	03-03	Bruxelas	61	18-04-87	Portugal - Tunísia	09-12	Lisboa
7	26-03-67	Portugal - Espanha	05-00	Lisboa	62	09-05-87	URSS - Portugal	50-06	Karkov
8	07-05-67	Itália - Portugal	06-03	Génova	63	13-12-87	Portugal - Bélgica	07-13	Lisboa
9	14-05-67	Portugal - França	14-56	Lisboa	64	21-02-88	Portugal - Holanda	16-09	Lousã
10	28-05-67	Portugal - Roménia	06-46	Lisboa	65	17-04-88	Portugal - Alemanha	13-09	Arcos Valdevez
11	31-03-68	Espanha - Portugal	14-05	Madrid	66	08-05-88	Jugoslávia - Portugal	09-22	Split
12	21-04-68	Portugal - Bélgica	08-06	Lisboa	67	05-04-89	Holanda - Portugal	23-17	Hilversum
13	05-05-68	Portugal - Marrocos	06-06	Lisboa	68	08-04-89	Bélgica - Portugal	15-15	Bruxelas
14	12-05-68	Portugal - Itália	03-17	Lisboa	69	22-04-89	Portugal - Jugoslávia	13-09	Lousã
15	23-03-69	Portugal - Espanha	11-15	Barreiro	70	30-04-89	Alemanha - Portugal	30-15	Hanover
16	20-04-69	Marrocos - Portugal	15-06	Casablanca	71	01-10-89	Checoslov. - Portugal	13-15	Praga
17	05-04-70	Holanda - Portugal	09-09	Hilversum	72	07-10-89	Portugal - Holanda	03-32	Metz
18	12-04-70	Portugal - Marrocos	08-09	Barreiro	73	24-03-90	Portugal - Marrocos	16-10	Porto
19	20-12-70	Espanha - Portugal	17-00	Madrid	74	21-04-90	Namíbia - Portugal	88-09	Windhoek
20	20-02-72	Itália - Portugal	00-00	Pádua	75	25-05-90	Bélgica - Portugal	12-24	Waterloo
21	02-04-72	Portugal - Itália	07-15	Lisboa	76	26-05-90	Portugal - Tunísia	12-06	Lisboa
22	25-03-73	Portugal - Itália	09-06	Coimbra	77	28-10-90	Espanha - Portugal	29-06	Sevilha
23	08-04-73	Jugoslávia - Portugal	03-03	Makarska	78	23-03-91	Portugal - Andorra	33-15	Coimbra
24	11-04-73	Suíça - Portugal	04-23	Neuchatel	79	20-04-91	Tunísia - Portugal	16-10	Tunis
25	22-04-73	Polónia - Portugal	35-13	Varsóvia	80	04-05-91	Marrocos - Portugal	13-12	Casablanca
26	13-05-73	Portugal - Polónia	13-03	Coimbra	81	24-05-91	Portugal - Namíbia	12-34	Lisboa
27	10-02-74	Portugal - Itália	03-11	Lisboa	82	28-03-92	Andorra - Portugal	06-29	Andorra
28	07-04-74	Alemanha - Portugal	20-10	Hanover	83	11-04-92	Portugal - Marrocos	15-00	Lisboa
29	27-03-79	Portugal - Suíça	31-00	Lisboa	84	26-04-92	Portugal - Tunísia	18-16	Lisboa
30	28-02-81	Portugal - Suíça	39-00	Lisboa	85	03-04-93	Portugal - Roménia	13-41	Lisboa
31	05-04-81	Portugal - Bélgica	15-07	Coimbra	86	17-04-93	Portugal - Itália	11-33	Coimbra
32	15-05-81	Dinamarca - Portugal	16-45	Copenhague	87	24-04-93	Tunísia - Portugal	14-10	Tunis
33	17-05-81	Suécia - Portugal	10-15	Trelleborg	88	11-05-93	Portugal - Bélgica	08-03	Lisboa
34	21-03-82	Portugal - Marrocos	07-26	Lisboa	89	13-05-93	Portugal - Suíça	32-00	Lisboa
35	28-03-82	Portugal - Espanha	13-32	Lisboa	90	16-05-93	Portugal - Espanha	15-35	Lisboa
36	17-04-82	Portugal - Tunísia	13-16	Lisboa	91	09-04-94	Bélgica - Portugal	10-08	Liège
37	25-04-82	Holanda - Portugal	12-16	Hilversum	92	17-04-94	Portugal - Alemanha	18-20	Lisboa
38	28-04-82	Polónia - Portugal	38-13	Lodz	93	30-04-94	Marrocos - Portugal	20-15	Casablanca
39	26-03-83	Espanha - Portugal	25-04	Madrid	94	07-05-94	Portugal - Tunísia	16-18	Lisboa
40	10-04-83	Holanda - Portugal	06-13	Hilversum	95	17-05-94	Portugal - P. Gales	11-102	Lisboa
41	30-04-83	Portugal - Polónia	04-06	Lisboa	96	28-05-94	Espanha - Portugal	35-19	Madrid
42	21-05-83	Portugal - Suécia	17-09	Lisboa	97	19-03-95	Portugal - Marrocos	26-16	Lisboa
43	10-03-84	Portugal - Espanha	06-06	Lisboa	98	22-04-95	Portugal - Espanha	15-50	Lisboa
44	24-03-84	Portugal - Holanda	21-03	Coimbra	99	29-04-95	Rep. Checa - Portugal	18-19	Praga
45	05-04-84	Bélgica - Portugal	09-12	Bruxelas	100	14-05-95	Alemanha - Portugal	16-26	Heidelberg
46	08-04-84	Dinamarca - Portugal	03-40	Copenhague	101	02-03-96	Portugal - Itália	03-64	Lisboa
47	17-03-85	Marrocos - Portugal	06-12	Rabat	102	16-03-96	Bélgica - Portugal	18-29	Bruxelas
48	18-04-85	Portugal - Checoslov.	18-00	Lisboa	103	13-05-96	Roménia - Portugal	92-00	Bucareste
49	28-04-85	Portugal - Polónia	14-00	Lisboa	104	02-04-96	Portugal - Polónia	38-03	Lisboa
50	02-10-85	Portugal - Zimbabwe	18-17	Lisboa	105	02-11-96	Espanha - Portugal	31-20	Madrid
51	22-02-86	Portugal - Roménia	14-34	Barreiro	106	23-11-96	Portugal - Holanda	55-11	Lisboa
52	22-03-86	Portugal - França	18-60	Lisboa	107	07-12-96	Tunísia - Portugal	06-11	Tunis
53	13-04-86	Itália - Portugal	26-24	Jesi	108	19-04-96	Portugal - Geórgia	21-17	Lisboa
54	26-04-86	Tunísia - Portugal	19-17	Tunis	109	11-05-97	Espanha - Portugal	25-18	Madrid
55	17-05-86	Portugal - URSS	03-29	Barreiro					



INÁCIO MENDES SILVA

ARBITRAGEM... DE ACORDO COM O RESTO

Quem pretender desassociar os problemas da arbitragem portuguesa do contexto actual do rãguebi nacional, estará a cometer um grave erro.

Na realidade, o nível médio do jogo praticado, dos jogadores e da qualidade organizacional dos Clubes, Associações e Federação, enquadram-se perfeitamente no nível médio da arbitragem portuguesa.

A época de 1996/97 está a ser marcada por sucessivos incidentes que envolvem árbitros, jogadores, treinadores e dirigentes que não dig-

nificam em nada a modalidade. Este clima de confrontação quase permanente não conduz a nada e só adia a resolução dos problemas que afectam a modalidade.

Os agentes do rãguebi têm que actuar de uma forma concertada, de apoio e respeito recíproco e não permanecerem estáticos nas suas "cadeiras" culpando tudo e todos, dos males e desgraças do rãguebi português.

Bons árbitros facilitam e promovem um ambiente tranquilo dentro do terreno de jogo, ajudando os jogadores a

praticar um rãguebi cada vez melhor. Este é o entendimento que os árbitros têm da sua acção, que talvez muitas vezes não seja conseguida, mas alheio a causas que muitos lhe querem atribuir.

O quadro de árbitros é reduzido e aqueles que asseguram alguma qualidade estão em fim de carreira. Consciente desta situação, o Conselho de Arbitragem e a Associação Nacional de Árbitros de Rãguebi (A.N.A.R.), estão a tomar medidas para que a curto e médio-prazo a quantidade e qualidade dos árbitros seja cada

vez mais satisfatória.

Neste sentido, foi programado um conjunto de acções com o objectivo de se recrutarem novos elementos para a arbitragem, através de acções de formação, sensibilização directa ou junto dos Clubes e Associações e aconselhamento dos novos elementos.

Estas e outras acções que se venham a desenvolver só poderão ter efeitos práticos, se existir a colaboração de todos aqueles que gravitam à volta do rãguebi e cuja participação é indispensável e fundamental. ●

impritécnica
ARTES GRÁFICAS, LDA.

Praticamos ideias

Dep. Criativo
Maquete - Arte Final
Fotocomposição - Fitolito
Impressão - Acabamento

RUA VELOSO SALGADO, 27 - R/C. ESQ. • 1600 LISBOA • TEL.: 793 56 89 - 793 57 68 • FAX: 796 54 00





JOÃO PAULO BESSA

CAMINHOS PARA UMA ESTRATÉGIA

(1.ª PARTE)



A minha intervenção neste Congresso — que na pessoa do seu Presidente saúdo a boa hora — pretende, em hora crucial de reajustamentos necessários ao acompanhamento da transformação global da modalidade, abrir algumas vias de reflexão que permitam a construção de caminhos seguros para uma estratégia de desenvolvimento qualitativo do rugby português. Titulei-a por isso, **CAMINHOS PARA UMA ESTRATÉGIA** fazendo, no sentido do poeta, novos caminhos com o caminhar de muitos outros.

A MUDANÇA

O rugby está em mudança. E é tal a mudança que bem se pode dizer tratar-se de uma revolução. E exemplo que assim é, está nas perturbações que — agora aqui, amanhã acolá — têm aparecido a colocar grãos na engrenagem da tradicional visão — muito conservadora acentue-se — do rugby enquanto jogo de cavalheiros.

O fim do amadorismo e a introdução do profissionalismo constitui o passo natural para uma modalidade que cada vez exigia mais disponibilidade aos seus atletas.

Mas constituiu também um pontapé na hipocrisia das públicas virtudes de um pretendido jogo de cavalheiros que se movia nos vícios privados da correnteza de moeda por baixo de selectos balcões. Felizmente, o mito caiu por terra. Os deuses que lhe guardem a memória.

O fim do amadorismo, ao significar o desaparecimento do dilettantismo, conservadorismo e privilégio que lhe são próprios, se abre maiores e novos espaços à modalidade de um ponto de vista da sua inserção no imaginário desportivo social, cria, na mudança que produz, um novo envolvimento que, conjuntamente com as alterações realizadas às Leis do Jogo que acabaram com o jogo a espaços — tão amador e tão próprio de quem precisa de "meter ar" para compensar a falta de condição — faz nascer um novo jogo. Rugby também mas, mesmo se ainda de contornos não totalmente conhecidos, surge já — na forma e no conteúdo — como radicalmente diferente daquele que temos vindo a conhecer.

E, portanto, para este novo jogo que o rugby português se tem de preparar através de uma estratégia global que, influenciando dirigentes, técnicos e jogadores, permita manter como objectivos a manutenção do actual nível no ranking europeu (1) mas, desta vez, alicerçada numa real aproximação qualitativa aos países que nos precedem.

Como poderemos mudar as coisas e os espíritos para que o desenvolvimento do rugby português se faça em sintonia com o movimento internacional? Porque devemos mudar e o que é que devemos mudar? Que papel para a selecção nacional e com que meios? Que qualidade de jogo desenvolver e que tipo de formação ministrar a praticantes e

técnicos? Como garantir que a necessária quantidade não estabelecerá rupturas que porão em causa o desenvolvimento qualitativo? Que respostas, que soluções a estas e outras perguntas que a mudança nos exige? Que reflexões? Com quem?, aonde?, quando? e como?.

A mudança é uma realidade forte e as grandes transformações — muitas vezes maiores do que o pensável — surgem sempre destas alturas. Ignorar-lhe os ventos e as feições tem, a curto ou médio prazo, custos dificilmente recuperáveis.

Temos já a experiência do custo que representou para o rugby português a distração — meia ignorante, meia arrogante — que ignorou as adaptações necessárias pela primeira grande transformação contemporânea da modalidade: a realização da 1ª Taça do Mundo. (2)

Hoje, temos a obrigação de saber acompanhar o vento. Sendo exigentes no objectivo de manter o rugby português em acordo com os caminhos da mudança.

Coisa nada fácil e que requer, ao contrário do proverbial desenrascamento lusitano, organização cuidada, saber, serenidade e abertura de espírito com muita capacidade de adaptação à mistura.

As formatações desportivas, organizativas, administrativas ou financeiras necessárias ao novo jogo sendo, no mínimo, diferentes, têm que ser encaradas e incentivadas com coragem e sentido estratégico. Mas realizadas com a

rapidez necessária evitando assim que, por lenta, se mostrem tão ineficazes como o erro.

Compreender o carácter da mudança constitui o primeiro passo para realizar as adaptações necessárias que o quadro português, embora particular, urgentemente precisa.

O PRIMEIRO FACTOR DE MUDANÇA

O estabelecimento do **PROFISIONALISMO** com as modificações que operou constitui, para o rugby actual, o **PRIMEIRO FACTOR DE MUDANÇA** de cujos efeitos pudemos, desde já, constatar algumas representações que a consubstanciam.

1ª CONSTATAÇÃO NUMA PRIMEIRA FASE AS COMPETIÇÕES VÃO SER DIS- PUTADAS POR JOGADORES COM DIFERENTES ESTATUTOS.

Em França apenas metade dos 551 jogadores que constituem a I divisão têm contratos profissionais; em Gales, a Federação estabeleceu apenas 19 contratos com jogadores enquanto que qualquer dos três países que disputam as Tri-Nations têm contratados 40 jogadores. Os desequilíbrios competitivos que tal situação comporta demonstrarão a curto prazo a necessidade de estabelecer novas organizações competitivas e que, nas competições importantes, não haverá lugar para amadores.

2ª CONSTATAÇÃO

QUEM CONTROLAR CONTRATUALMENTE OS JOGADORES, CONTROLARÁ O JOGO

Se a força financeira do profissionalismo estiver apenas com os clubes, as selecções serão secundarizadas ou os jogadores prejudicados nos seus necessários tempos de recuperação. (3)

3ª CONSTATAÇÃO

AUMENTO DO NÚMERO DE COMPETIÇÕES DE NÍVEL INTERNACIONAL PARA SELECÇÕES NACIONAIS, REGIONAIS OU CLUBES

A necessidade de produzir receitas através de espectáculos de qualidade provocará, forçosamente e num primeiro momento, o aumento de competições de interesse mediático (ex: Tri Nations, 5 Nações, Panam, Pacifico Rim, Super 12, Taça da Europa, Anglo-Whelsh, Conferência Europeia, Intercontinental, etc., etc.). A médio prazo — e porque os jogadores terão de ter a possibilidade dos tempos de recuperação necessários — as competições diminuirão em número e tenderão à integração global.

4ª CONSTATAÇÃO

A DISPONIBILIDADE PROFISIONAL DOS JOGADORES TORNARÁ O JOGO MAIS RÁPIDO, MAIS PRECISO E MAIS LONGO

A superior condição física, o número de treinos, individuais e colectivos, por semana, e a natural melhoria técnica que daí advirá, permitirá a manutenção de níveis técnicos mais elevados e maior continuidade de acções.

5ª CONSTATAÇÃO

O AUMENTO DA INTENSIDADE DO JOGO LEVARÁ À REAVALIAÇÃO DE MÉTODOS E PROCESSOS DE TREINO

A disponibilidade para o treino bi-diário, a possibilidade de dispor dos tempos de recuperação necessários, obrigará a maiores rigores metodológicos do treino e para os responsáveis das equipas surgirão novos encargos, nomeadamente de articulação de novas técnicas e de diferentes treina-

dores e técnicos. Entre outras "novas" coisas, a profissionalização implicará conceitos de novos serviços de saúde, de recuperação, de alimentação, de preparação, de desenvolvimento, de marketing ou mesmo de alojamento e de continuidade de estudos.

CONSEQUÊNCIAS DA INTRODUÇÃO DO PROFISIONALISMO

Destas constatações podem retirar-se as seguintes CONSEQUÊNCIAS:

Os jogadores profissionais apresentarão:

- Maior capacidade física
- Melhor condição física
- Maior desenvolvimento técnico
- Maior desenvolvimento tático individual e colectivo

O que terá imediatos EFEITOS como:

1. Acentuação do fosso entre profissionais e amadores;
2. Diminuição do número de equipas na elite
3. Concentração dos bons jogadores em menor número de equipas

Destas constatações, consequências e efeitos podemos, desde já, perceber algumas IMPLICAÇÕES:

- Que haverá, nos tempos mais próximos, **desequilíbrios competitivos** acentuados nas provas internacionais abertas ou de classificação anterior à fixação do estatuto (ex: Mundial de Seven's em HK em Março próximo)
- Que os clubes tenderão a dois tipos de papéis: - aglutinadores regionais (ex: Inglaterra, Toulouse) ou - formadores (Hemisfério Sul)
- Que a grande disponibilidade dos melhores jogadores será para as competições de maior efeito mediático e maior retorno financeiro.

E todo este mundo complexo que o novo sistema criou, **EXIGIRÁ** da parte de quem dirige, o cuidado de definir e estabelecer **PRIORIDADES CLARAS E ADEQUADAS EM MEIOS AOS OBJECTIVOS PROPOSTOS** sob pena de, se desarticulados, se lançar a ruína donde dificilmente sairá qualquer novo edifício eficazmente competitivo em termos internacionais.

AS ALTERAÇÕES DAS LEIS DO JOGO

O segundo factor de mudança do rugby actual é resultante das alterações às Leis do Jogo que, em coerência com a modificação estatutária empreendida, teve como objectivo principal responder à nova era profissional, aumentando a espectacularidade do jogo, elevando o seu grau de atractividade e proporcionando e exigindo — o que não é despiciendo se pensarmos que para a sua globalização mediática o jogo não pode continuar a ser facilmente acessível a amadores — mais e melhor preparação e treino. Também por aqui é possível desde já constatar algumas realidades que marcarão o futuro da modalidade.

A primeira grande alteração diz respeito à **LEI DA PLACAGEM** que, obrigando agora o placador ao mesmo comportamento do placado, se exige importante domínio das técnicas de **contacto**, traduz uma superior possibilidade de garantir a **continuidade do jogo** mas, simultaneamente, exigindo também um maior recurso ao **jogo penetrante agrupado** e obrigando a uma maior disponibilidade reactiva para o movimento e a recolocação, nomeadamente na capacidade de garantir a formação do apoio "nas costas" do portador da bola obrigando ao cumprimento absoluto do princípio básico da continuidade do jogo: "o portador cuida da bola; os apoiadores cuidam do portador"

A segunda grande alteração surge **NA FORMAÇÃO ORDENADA**. Obrigando a que qualquer jogador não possa desligar-se da formação até que ela tenha terminado, se renova, por abrir espaços, a **formação ordenada como plataforma** de lançamento do ataque, exige absolutamente a junção do **rigor da placagem** às características específicas de ambos os médios. Maiores e novas exigências surgirão para o **5 da frente**, bem como será necessário uma ocupação de campo mais inteligente por parte dos mais diversos jogadores. Aqui, abrindo-se o espaço pela força da manietação das terceiras-

linhas, o mote significa, para a equipa que defende, **mais e melhor placagem** e, para a equipa que ataca, mais precisão na garantia da manutenção do espaço livre.

A possibilidade de recorrer à elevação do saltador, se reduz ou mesmo elimina nos **ALINHAMENTOS** a dificuldade da diferenças de alturas, traduz-se numa situação simples: **equipa que lança a bola, conquista-a**. Com as vantagens que daí advêm para uma melhor eficácia atacante mas também — porque a defesa não dorme — com a necessidade de dispor da cultura tática necessária à melhor leitura do jogo. Conhecido antecipadamente o conquistador, as novas leis do Alinhamento transformaram o pontapé no verdadeiro jogo de risco. Hoje, **jogar à mão representa a segurança da manutenção da posse, jogar ao pé é o risco de entregar a bola ao adversário**. Mas representa ainda mais: que, se necessário, o jogo ao pé deve ser colocado dentro do campo de forma a que seja possível exercer adequada pressão que permita, ao levar o adversário a chutar para fora, a recuperação da bola no Alinhamento, que se seguirá.

(1) Portugal deve ter como objectivo mínimo competitivo internacional a manutenção nos dez primeiros lugares do ranking europeu. (2) Em Março de 84 o XV de Portugal conseguia empatar (6-6) com a Espanha para, em Abril de 86 e em Jesi, peredr com a Itália por 26-24. Em 1995 Portugal perdeu com a Espanha por 50-15 e, em 1996, com a Itália por 64-3. (3) Cf. n.º de jogos / ano dos internacionais franceses e problemas da selecção inglesa comparativamente com as selecções do Hemisfério Sul.

Este texto do presidente da Associação de Treinadores, João Paulo Bessa, é a comunicação por ele feita no Congresso de Râguebi. Pela sua importância, deve ser divulgado.

Não é possível, por dificuldades de paginação, publicá-lo de uma só vez, ficando, no entanto, a garantia da sua total publicação.

GAULESES CONQUISTARAM O SEU QUINTO "GRAND SLAM"

Allez les bleus!!!

APESAR DE DIZIMADA POR UMA ONDA DE LESÕES DE DIVERSOS HABITUAIS TITULARES, A EQUIPA FRANCESA DEMONSTROU CONSTITUIR A MELHOR SELECÇÃO EUROPEIA. E PARA FELICIDADE DA DUPLA SKRELA/VILLEPREUX, O VIVEIRO GAULÊS CONTINUA A PRODUIR JOVENS DE ELEVADÍSSIMO POTENCIAL.

A selecção francesa assinalou a sua despedida de um estádio tão carismático como o Parque dos Príncipes, com uma exibição de grande nível frente à Escócia na última jornada do Torneio. A vitória conseguida (47-20), permitiu aos gauleses conquistarem o seu quinto "Grande Slam", após os obtidos em 1968, 77, 81 e 87.

Apesar de ver a sua formação dizimada ao longo do Torneio por uma anormal onda de lesões, que afastou titulares até aqui indiscutíveis como Saint-André, N'Tamack, Roumat, Galthié, Dourthe, Penaud ou Castaignède, a dupla técnica responsável constituída por Jean-Claude Skrela e Pierre Villepreux conseguiu formar, jogo a jogo, excelentes *quinzes* que demonstraram um enorme espírito de equipa, bem como uma atitude e disciplina que habitualmente vinham faltando à formação tricolor. O maior exemplo destas características foi dado no jogo-chave do torneio, em Twickenham, quando a França, após se encontrar a perder já no segundo tempo por 20-6, acabou por se impor à



Benazzi, o capitão do 5.º "Grand Slam" conquistado pela França

Inglaterra por 23-20, arrumando quase em definitivo a questão do vencedor da prova.

Em boa hora os responsáveis federativos franceses recuperaram um dos mais consagrados treinadores mundiais, Pierre Villepreux, afastado do comando técnico da selecção há vários anos.

Seguindo fielmente o padrão do jogo de movimento preconizado pelo afamado técnico, as linhas atrasadas gaulesas fizeram miséria nas defesas adversárias, com os rápidos e acutilantes Glas, Venditti, Sadourny, Leflamand e Lamaison — este, que com 42 pontos obtidos, foi considerado a figura do Torneio — em grande destaque. É curioso verificar-se que a maioria destes jogadores no início de Janeiro nem sequer se encontrava na lista de convocados, passando agora a ser jogadores-chave do *quinze* gaulês, o que vem demonstrar a pujança do célebre viveiro francês de jogadores da linha de três-quartos. Mas é da mais elementar justiça referir-se que o *pack* da França constituiu a base para o sucesso alcançado.

RESULTADOS

Irlanda - França	15 - 32
Escócia - P. Gales	19 - 34
Inglaterra - Escócia	41 - 13
P. Gales - Irlanda	25 - 26
Irlanda - Inglaterra	6 - 46
França - P. Gales	27 - 22
Inglaterra - França	20 - 23
Escócia - Irlanda	38 - 10
França - Escócia	47 - 20
P. Gales - Inglaterra	13 - 34

Cinco Nações

Comandados por Abdelatif Benazzi, os seus avançados dominaram todos os adversários (mesmo os ingleses em Twickenham não resistiram no segundo tempo), com destaque para o gigante Olivier Merle e para a descoberta do Torneio, o louro 3.ª linha do Dax, Magne.

A Inglaterra, apesar de ter constituído a equipa com mais pontos e ensaios marcados — a única que marcou mais de 30 pontos em três jogos — acabou por desiludir, ao perder o Torneio no jogo efectuado em casa frente à França. O seu treinador Jack Rowell esteve sempre na mira da imprensa e adeptos ingleses, já que o prometido jogo atractivo raramente foi praticado pela equipa da "rosa". Com um poderoso *pack* avançado formado por um fortíssimo "cinco da frente" e uma excelente terceira-linha, a tática utilizada — simples e eficaz — permitiu-lhe estabelecer vitórias com margens recordes perante a Escócia e a Irlanda, mas no jogo decisivo a equipa falhou. Aliás, a formação capitaneada por Phil

de Glanville — uma má escolha, como se veio a provar ao longo do Torneio — só se libertava para exibições mais convincentes, quando os resultados começaram a ficar desnivelados a seu

favor, beneficiando dos estragos provocados pela sua avançada.

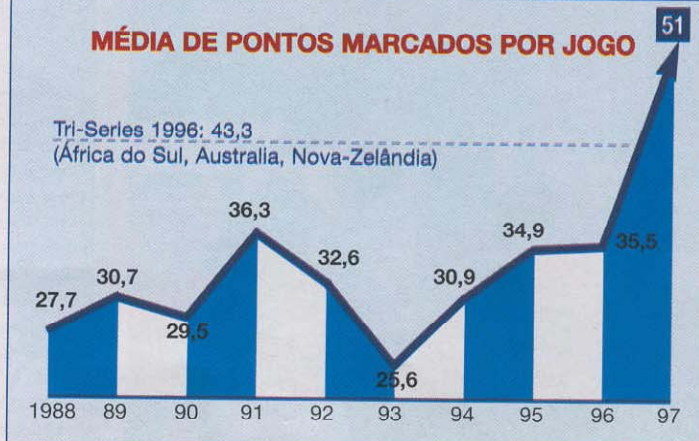
As restantes selecções situaram-se num plano bem mais inferior, e pode-se mesmo afirmar que presentemente, a Itália — que continua a pressionar para a sua entrada num eventual Torneio das Seis Nações — se pode bater de igual para igual com Escócia, País de Gales e Irlanda.

Nestes, o principal destaque vai para algumas figuras que conseguiram emergir da mediania geral das suas formações. Foram os casos no

CURIOSIDADES

- Com os 511 pontos obtidos nos dez jogos deste ano, o recorde do Torneio foi pulverizado, ultrapassando a anterior melhor marca de 363 em 1991.
- O recorde do número de ensaios marcados não foi contudo batido, já que os 53 conseguidos — ultrapassando largamente os 30 do ano passado — ficaram ainda assim abaixo dos 55 obtidos em 1911.
- O maior número de ensaios foi conseguido pela Inglaterra (15), o que significou uma enorme progressão, já que em 1996 os ingleses apenas marcaram três, apesar de terem ganho o Torneio.
- Com os 24 pontos obtidos no França-Escócia, o francês Christophe Lamaison igualou o máximo de pontos conseguido num jogo do Torneio, a par do inglês Rob Andrew (Inglaterra-Escócia de 1995) e do seu compatriota Sébastien Viars (França-Irlanda de 1992).

MÉDIA DE PONTOS MARCADOS POR JOGO



MELHORES MARCADORES

Paul Grayson (Inglaterra)	52 pontos
Christophe Lamaison (França)	42 "
Rowen Shepherd (Escócia)	42 "
Neil Jenkins (P. Gales)	36 "



Phil de Glanville, uma má estreia como capitão inglês

MAIS ENSAIOS MARCADOS

David Venditti (França)	4
Laurent Leflamand (França)	4
Ieuan Evans (P. Gales)	3
Tony Underwood (Inglaterra)	3

País de Gales de Ieuan Evans, (recordista galês de ensaios) Alan Bateman, Scott Quinnell e Robert Howley (o actual melhor n.º 9 europeu). Na Escócia, Alan Tait, Gregor Townsend e Doddie Weir. Na Irlanda, apenas Peter Clohessy e o saltador Jeremy Davidson se salientaram numa equipa que, mais uma vez este ano, se situou muito abaixo de selecções irlandesas de outras eras. ●

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	P. Marc.	P. Sofrid.	P	Dif	Ensaio
França	4	4	-	-	129	77	8	+52	14
Inglaterra	4	3	-	1	141	55	6	+86	15
P. Gales	4	1	-	3	94	106	2	-12	11
Escócia	4	1	-	3	90	132	2	-42	9
Irlanda	4	1	-	3	57	141	2	-84	4

PORTUGAL SEM CONSISTÊNCIA NOS JUNIORES

Sobe e desce

NA ÉPOCA DE 95/96, PORTUGAL VOLTOU A GANHAR O GRUPO B DO MUNDIAL. ESTE ANO, NO GRUPO A, PERDEU TODOS OS JOGOS O QUE PARECE EVIDENCIAR UMA "FORNADA" DE MENOR QUALIDADE.



Luís Lamas e Eduardo Correia, dois internacionais juniores em 95/96, que se estão a afirmar no Campeonato

X Jogo completo • Jogo incompleto	Gales (U.18)	Gales (FIRA)	Espanha	Escócia	Irlanda	Espanha	Rússia
Miguel Moura (Benfica)	X	•	•	X	•	X	X
Rui Gomes (Benfica)	X 5	X	X	X	•		
Ricardo Benedito (Académica)	•	•	•		•		•
Vasco Couceiro (Académica)	•	•	X		X		•
Bernardo Rodrigues (Cascais)	•	X	X		X	X	X
Gonçalo Vareiro (Direito)	X	•	•			•	X
Diogo Seco (CDUP)	X	•	X	•	•	•	•
Hugo Gomes (Académica)	X	•	X	•		•	X
Pedro Silveira (Belenenses)	• 3	•	•	X	X 5,2	X	X
Miguel Cavilhas (Benfica)	X 2	• 2	• 2,3	• 3	X 5,3,3,2	X 2	•
João Cavilhas (Benfica)	X	X	X	X		•	•
Diogo Guerreiro (Direito)	X	X	X				
Filipe Saldanha (Agronomia)	X	X	X	X	•	X	X
António Aguilhar (Direito)	•	• 5					
Gonçalo Malheiro (CDUP)	• 5,2	X 2	•				•
João Costa (Direito)	•	•	•				
André Lima (Académica)	•	X	X	•		•	•
Nuno Príncipe (CDUP)	•	X	•	•	•	•	•
Tiago Lima (Académica)	•	•	•	•	•	•	
Luís Lamas (Agronomia)	•	• 5					
Ricardo Redondo (Lousã)	•	•	•		X	X	X
Gonçalo Albino (Técnico)		X	•	•	X	X	•
Gonçalo Faria (CDUL)			•	X	X	X	X
Rui Heitor (Benfica)			X	X	X	•	
Rodrigo Alves (Benfica)			• 5	•	•	•	•
José Lencastre (CDUP)			X	X	X	• 5	X
Marco Baptista (Académica)			•				
João Alvim (Cascais)				•	•	•	
Miguel Neves (Benfica)				X	X	X	X
Sebastião Petronilho (Cascais)					•		
	17-15 (7-10)	12-67 (7-29)	10-18 (10-8)	3-56 (3-27)	20-39 (7-22)	7-23 (0-3)	7-25 (0-13)

Começa a ser hábito Portugal ganhar o Grupo B do mundial júnior, e no ano seguinte não conseguir a manutenção do Grupo A. Assim aconteceu no biénio 94/95 voltando agora a acontecer no biénio 96/97.

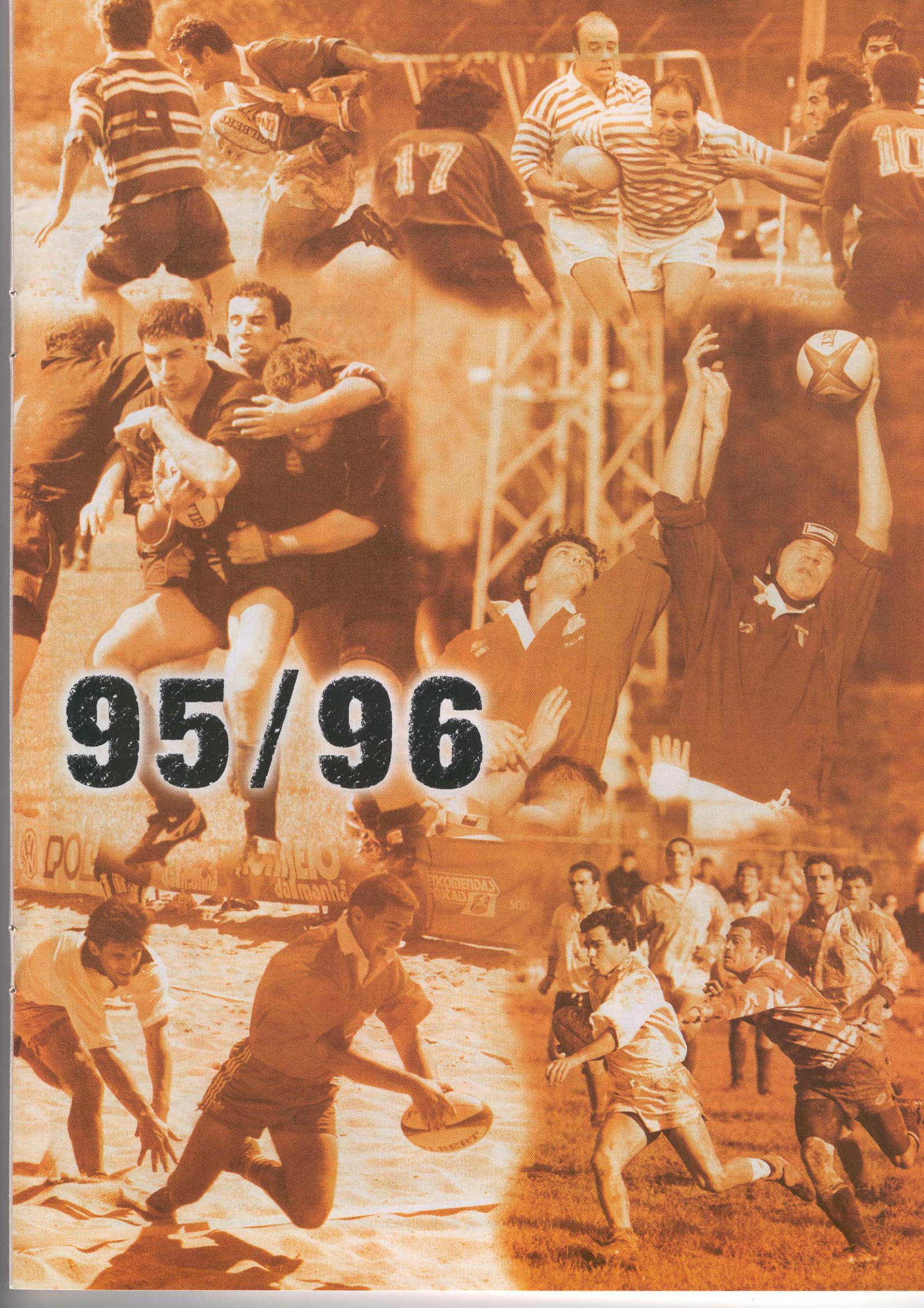
Na época passada, o triunfo, com vitórias sobre a Alemanha,

República Checa e Polónia.

Este ano na Argentina, que voltou a sagrar-se campeã mundial frente à França num jogo sem ensaios, uma série de quatro desaires portugueses, alguns deles por margem dilatada.

Os resultados do jovem "quinze" nacional, que utilizou 30 jogadores

na campanha de 96/97, ficaram aquém das expectativas indiciando ser esta geração de menor qualidade do que as anteriores. É que nem uma vitória em Gales nos jogos de preparação mascara seis derrotas consecutivas, algumas delas por margem mais dilatada daquilo que é habitual. ●



95 / 96

NA ÉPOCA "ZERO" DO PROFISSIONALISMO

O ano dos All Blacks

A NOVA-ZELÂNDIA DOMINOU POR COMPLETO A CENA INTERNACIONAL, ENQUANTO QUE A INGLATERRA SE CONSAGROU A MELHOR SELECÇÃO DO HEMISFÉRIO NORTE.



All Blacks festejam mais um ensaio frente aos Springboks

Na época que se seguiu à III edição da Taça do Mundo na África do Sul — e que pode ser considerada como a época "zero" da era do profissionalismo — o principal destaque vai para o Hemisfério Sul, onde ocorreram as principais movimentações da modalidade, dentro e fora dos relvados. As federações dos três gigantes — Nova Zelândia, Austrália e África do Sul — apressaram-se a assinar contratos com os seus jogadores internacionais, estabelecendo pagamentos médios da

Inclusivamente a sua digressão à África do Sul saldou-se por um enorme sucesso. Pela primeira vez em 68 anos de digressões, a Nova-Zelândia venceu os Springboks em sua casa numa série de testes. Vitórias em Durban (23-19) e Pretória (33-26) e uma única derrota no último jogo em Joanesburgo (22-32) confirmaram que o novo seleccionador John Hart se encontra no caminho certo. À sua chegada a Auckland, os homens de Sean Fitzpatrick tinham a esperá-los uma multidão de 100.000 pessoas em delírio, para agradecer as

exibições da sua amada selecção. Além do capitão e dos habituais Lomu, Mahtens Zinzan Brooke ou Jeff Wilson, foram especialmente aclamados Olo Brown, Frank Bunce, o renascido Michael Jones, a descoberta Christian Cullen e Justin Marshall (New Zealand Player of the Year).

ordem dos 24.000 contos por ano a cada um deles. Patrocinado por um canal televisivo do magnate Rupert Murdoch, disputou-se pela primeira vez o Torneio ANZA entre selecções destes três países. Numa prova que rapidamente se tornará na **montra** do rãguebi internacional, a fortíssima equipa neo-zelandesa dominou a seu bel-prazer, vencendo os quatro jogos que disputou. Confirmando a sua presente superioridade a nível mundial, os All Blacks realizaram em 95/96 dez "test-matches" em 13 semanas, vencendo nove deles.

exibições da sua amada selecção. Além do capitão e dos habituais Lomu, Mahtens Zinzan Brooke ou Jeff Wilson, foram especialmente aclamados Olo Brown, Frank Bunce, o renascido Michael Jones, a descoberta Christian Cullen e Justin Marshall (New Zealand Player of the Year).

TORNEIO ANZA 96

N. Zelândia - Austrália	43 - 6
Austrália - A. Sul	21 - 16
N. Zelândia - A. Sul	15 - 11
Austrália - N. Zelândia	25 - 32
A. Sul - Austrália	25 - 12
A. Sul - N. Zelândia	18 - 29

CLASSIFICAÇÃO

	V	E	D	Bónus	P	PM	PS
N. Zelândia	4	-	-	1 pt	17	119	60
A. Sul	1	-	3	2 pt	6	70	84
Austrália	1	-	3	2 pt	6	71	116

(4 pontos por vitória, 2 por empate e 0 por derrota. Um ponto de bónus atribuído a partir de 4 ensaios marcados num jogo, ou por uma derrota por menos de 7 pontos.)

Entretanto e naquele que é considerado como o mais espectacular Torneio mundial — o Super 12 —, e na sequência de jogos de rãguebi do **outro mundo** (ou pelo menos bem mais rápido, mais poderoso, e sempre com ritmo entusiasmante, se comparado com os jogos do Hemisfério Norte), a vitória final voltou a pertencer a uma formação neo-zelandesa, o Auckland, que na final derrotou os sul-africanos do Natal por 45-21.

A equipa capitaneada por Zinzan Brooke, e que contou com a presença de Jonah Lomu, Olo Brown, Sean Fitzpatrick, Robin Brooke, Michael Jones e Carlos Spencer, mereceu totalmente a vitória num Torneio que dominou.

Internacional

TORNEIO CINCO NAÇÕES 96

França - Inglaterra	15 - 12
Irlanda - Escócia	10 - 16
Escócia - França	19 - 14
Inglaterra - P. Gales	21 - 15
França - Irlanda	45 - 10
P. Gales - Escócia	14 - 16
Irlanda - P. Gales	30 - 17
Escócia - Inglaterra	9 - 18
P. Gales - França	16 - 15
Inglaterra - Irlanda	28 - 15

CLASSIFICAÇÃO

Inglaterra	6 pontos	(+25)
Escócia	6 "	(+4)
França	4 "	(+32)
P. Gales	2 "	(-20)
Irlanda	2 "	(-41)

A nível europeu, a Inglaterra venceu o Torneio das Cinco Nações, que sem a espectacularidade das provas do Hemisfério Sul, foi suficientemente emotivo, já que à entrada para a última jornada três equipas podiam conquistar o troféu. Os franceses, favoritos, e que meses atrás tinham conquistado a Taça Latina na Argentina, foram perder a Cardiff (vitória galesa após uma série recorde de oito derrotas consecutivas), permitindo que a Inglaterra, vencedora da Irlanda, chegasse ao fim empatada com a Escócia, acabando por triunfar devido à diferença de pontos.



O poder de Lomu perante Mark Andrews na vitória de Auckland sobre o Natal na final do Super 12

Confirmando a sua hegemonia nos últimos anos na Europa, os ingleses conquistaram assim o seu 17.º título desde 1910, e a 19.º Triple Crown. Como prova do rãguebi pouco atractivo praticado, os vencedores apenas marcaram três ensaios ao longo do Torneio, o mais baixo número de ensaios de sempre para um vencedor do Cinco Nações. ●

TAÇA LATINA 95

França - Itália	34 - 22
Argentina - Roménia	51 - 16
França - Roménia	52 - 8
Argentina - Itália	26 - 6
França - Argentina	47 - 12
Itália - Roménia	40 - 3

CLASSIFICAÇÃO

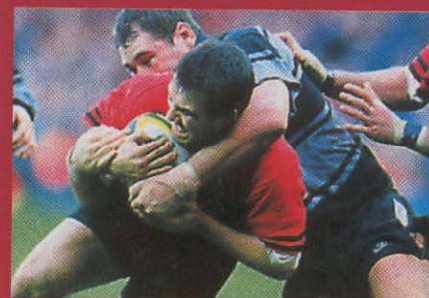
1- França	3- Itália
2- Argentina	4- Roménia



Laurance Dallaglio placado durante o jogo Inglaterra-Pais de Gales (21-15)

TAÇA DA EUROPA DE CLUBES

A primeira prova europeia de clubes começou a realizar-se esta época. A Taça da Europa viria a ser conquistada pelos franceses do Toulouse, vencedores dos galeses do Cardiff no prolongamento da final realizada no Arms Park, por 21-18, com 15-15 após os 80 minutos regulamentares.



Emyr Lewis e Didier Lacroix no jogo da final

LOUSÃ SURPREENDEU E JOGOU SÉRIE DO TÍTULO

Cascais: quinto consecutivo

OS CASCALENSES VOLTARAM A DOMINAR, APESAR DE ALGUNS DESAIRES INESPERADOS NO APURAMENTO, TENDO CDUL E BELENENSES OCUPADO OS LUGARES DO PÓDIO. A LOUSÃ FEZ UMA FASE INICIAL NOTÁVEL CAINDO DEPOIS NO "PLAY-OFF". A LUTA PELA MANUTENÇÃO FOI TERRÍVEL TENDO AGRONOMIA E CRAV LUTADO PELA PERMANÊNCIA ATÉ AO DERRADEIRO MINUTO.

O Cascais conquistou o penta campeonato gerindo da melhor forma a sua superioridade, mas sem nunca ter atingido o brilho de outras épocas.

Foi uma equipa que sofreu vários desaires inesperados, tendo a derrota sofrida em casa com a Lousã na fase de apuramento ganho foros de escândalo. O empate com Agronomia foi neste período outra nota negativa para os campeões nacionais.

No entanto o único "quinze" a quem não se superiorizaram foi o do Belenenses, com um saldo de duas vitórias e duas derrotas para cada equipa.

O segundo classificado foi o "eterno" CDUL que mais uma vez se manteve no topo, apesar de não ter conseguido melhor do que um empate nos quatro encontros realizados com os cascalenses, e ter sofrido outras derrotas impensáveis, como a que ocorreu com a Lousã na fase de apuramento.

Na fase final ainda esteve perto de poder chegar ao título, anulando a desvantagem que trazia do apuramento, mas baqueou por 19-10, no jogo final em Cascais, e que acabou por ser a partida decisiva para o título.

O Belenenses, tido para muitos como o principal favorito, devido à juventude do "quinze" aliada à quantidade e qualidade de jogadores, voltou a ser terceiro, só dando um ar da sua graça nos jogos com o Cascais.

O carrasco dos azuis foi o CDUL, já

que em quatro jogos realizados apenas empataram um, saindo derrotados nos outros três.

A Lousã foi de facto a grande sensação do campeonato. Segunda classificada da 2.ª divisão do ano anterior, fez uma fase de apuramento notável em que logrou sete vitórias e sete derrotas, tendo ganho a todos os opositores menos ao Belenenses. Na fase final sofreu seis derrotas noutros tantos jogos, mas o grande objectivo já tinha sido atingido.

O Técnico que muito prometia dada a juventude e grande qualidade das linhas atrasadas, voltou a ser quinto classifi-

cado denotando lacunas difíceis de superar no bloco avançado.

Se a Lousã foi a sensação, o seu vizinho de Coimbra, a Académica constituiu a decepção, não confirmando o segundo lugar da época anterior.

Na fase de apuramento só ganhou fora de casa ao Técnico, enquanto no seu reduto foi derrotada pelo Cascais e CDUL. No "play-off", o da descida, garantiu a manutenção com consistência, apesar das derrotas com o Técnico e Agronomia.

Agronomia, ao contrário da Lousã, teve enormes dificuldades em adaptar-se ao ritmo e à pressão da I Divisão, só



Cascais conquistou o quinto campeonato consecutivo (foto Vitor Rios / CM)

CAMPEONATO NACIONAL I DIVISÃO — 95/96 — FASE APURAMENTO

	CASCAIS	ACADÉMICA	BELENENSES	CDUL	TÉCNICO	CRAV	AGRONOMIA	LOUSÃ
CASCAIS		41-12	17-20	21-3	41-0	28-16	0-0	5-30
ACADÉMICA	0-21		7-5	3-5	11-0	11-3	19-11	6-3
BELENENSES	23-26	15-14		3-3	29-10	30-5	34-8	41-17
CDUL	13-24	23-3	22-7		17-10	56-8	10-6	25-8
TÉCNICO	8-45	7-10	18-10	23-32		16-13	11-6	30-15
CRAV	6-24	17-16	13-13	9-8	6-12		16-10	0-5
AGRONOMIA	11-61	9-3	6-30	6-29	6-12	37-3		38-10
LOUSÃ	3-51	23-12	15-22	15-14	10-5	5-3	40-8	

BENFICA INVICTO VENCE SEGUNDA

O Benfica foi o grande triunfador do escalão secundário, tendo efectuado uma época notável. Os encarnados contaram por vitórias todos os jogos do campeonato e foram ainda finalistas da Taça de Portugal, tendo perdido com a Académica (13-10).



Final da Taça teve jogo renhido

conseguindo três vitórias e um empate na fase de apuramento saldando-se os restantes jogos em dez derrotas.

A manutenção garantiu-a no "play-off" com vitórias caseiras frente à Académica, Técnico e CRAV, esta verdadeiramente dramática.

O CRAV fez como de costume uma prova muito equilibrada, em que jogar no Minho se transformou num verdadeiro quebra cabeças. Fica a dever a descida de divisão aos jogos fora de casa, já que não fez um único ponto nas suas deslocações. ●

		FASE APURAMENTO						FASE FINAL						
		JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	M / S	PONTOS	JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	M / S	PONTOS	PONTUAÇÃO FINAL
1.º	CASCAIS	14	11	1	2	260-143	37	6	4	1	1	123-63	15	34
2.º	CDUL	14	9	1	4	260-143	33	6	4	1	1	140-56	15	32
3.º	BELENENSES	14	8	2	4	282-181	32	6	3		3	108-97	12	28
4.º	LOUSÃ	14	7		7	209-260	28	6			6	21-176	6	20
5.º	TÉCNICO	14	6		8	162-261	26	6	4		2	58-54	14	27
6.º	ACADÉMICA	14	6		8	127-186	26	6	4		2	57-54	14	27
7.º	AGRONOMIA	14	3	1	10	162-289	21	6	3		3	65-64	12	23
8.º	CRAV	14	3	1	10	118-273	21	6	1		5	62-63	8	19

FASE FINAL

SÉRIE DO TÍTULO

	CAS	CDUL	BEL	LOUSÃ
CAS		19-10	14-26	55-3
CDUL	6-6		24-10	24-5
BEL	10-16	16-38		14-0
LOUSÃ	8-13	0-38	5-32	

SÉRIE DA DESCIDA

	CAS	CDUL	BEL	LOUSÃ
ACD		10-5	6-3	16-8
TÉC	15-8		15-7	5-0
AGR	19-5	19-3		11-10
CRAV	9-10	10-15	25-6	



Lousã foi a grande revelação do Campeonato (foto José Lorrão / Record)

DISTÂNCIA EM RELAÇÃO AOS GRANDES NÃO SE ATENUA

Triunfos esperados

A CAMPANHA INTERNACIONAL SALDOU-SE POR DUAS VITÓRIAS, FRENTE À BÉLGICA E POLÓNIA, E DUAS DERROTAS PESADAS, PERANTE ITÁLIA E ROMÉNIA, DUAS EQUIPAS MUITO FORTES PARA AS ASPIRAÇÕES PORTUGUESAS, DESAIRES QUE DEMONSTRAM O MUITO QUE HÁ A FAZER PARA QUE SE DÊ A APROXIMAÇÃO AO PELOTÃO DA FRENTE DO RUGBY EUROPEU.

Portugal iniciou a campanha internacional com uma pesada derrota, frente à Itália, "quinze" com um ritmo de jogo inacessível para os jogadores portugueses.

Com um ensaio sofrido logo no primeiro minuto, e com 19-0 ao intervalo, chegou-se a temer o pior para a selecção nacional pairando no Estádio Universitário o fantasma do País de Gales, que dois anos atrás tinha ganho por 102-11.

Portugal apesar de equilibrar no número de bolas ganhas nas fases estáticas, quase não conquistou nenhum reagrupamento. Com este panorama, acrescido da enorme pressão dos transalpinos, limitou-se a defender, e nem sempre bem.

Os italianos impuseram um ritmo impossível de acompanhar e ao intervalo venciam por 36-3, com seis ensaios marcados.

Na segunda parte, e num período em que os italianos "adormeceram", Portugal reagiu e fez alguns bons encadeamentos à mão, ficando perto de marcar um ensaio por Vilar Gomes.

Nos últimos dez minutos, Portugal quebrou fisicamente, os italianos voltaram ao ritmo inicial, e fixaram o resultado final em 64-3.

Nos portugueses destacaram-se a primeira e segunda linha, o estreante Luís Pissarra, os centos Nuno

"Touche" no Portugal-Polónia com vantagem para a equipa lusitana (Vitor Rios/CM)



Mourão e Vasco Durão, e Vilar Gomes que se incorporou bem nos movimentos atacantes.

Na Roménia, Portugal teve uma exibição verdadeiramente decepcionante, sofrendo o resultado mais pesado de sempre (92-0), numa partida em que tudo correu mal, mormente a prestação defensiva.

Na Bélgica, jogo importante, a primeira vitória (29-18) e desde

logo, a garantia da manutenção no grupo A da FIRA.

Frente à Polónia, jogado no Estádio Nacional, devido à intransigência da Federação Portuguesa de Atletismo que não viabilizou que o jogo se jogasse como de costume no Estádio Universitário, Portugal esteve muito perto de conseguir um resultado histórico. Logo aos seis minutos, e após excelente arrancada

Seleção 95/96



Os italianos em vantagem numérica, com Joaquim Ferreira a tentar o impossível (Foto Pedro Paiva / CM)

de Rohan Hoffman, António Cunha seguiu ao pé uma bola perdida e inaugurou o marcador.

Enquanto os polacos não alargavam o perímetro de jogo, os portugueses tentaram sempre que possível abrir bolas às linhas atrasadas, obrigando os polacos a cometer faltas sucessivas. Faltas que Nuno Gomes foi convertendo (cinco pontapés convertidos em dez tentados).

Já perto do intervalo, um excelente movimento do "quinze" nacional de que resultou o segundo ensaio obtido por Nuno Mourão.

Na etapa complementar, Portugal teve uma quebra inexplicável faltando-lhe o "killer instinct" para construir um resultado histórico, permitindo mesmo que os polacos tivessem tido uma fraca reacção, mas sem criar perigo à bem estruturada defesa lusitana.

Apesar da "apatia" do "quinze"

nacional obtiveram-se mais três ensaios por Nuno Gomes, Rohan Hoffman, uma grande exibição, e José Pedro Costa, um pilar com grande raio de acção.

A campanha portuguesa foi aceitável, ficando de alguma forma manchada com o descalabro em Bucareste, e com a incapacidade frente à Itália, pese embora o facto de Portugal ter tentado sempre alargar o perímetro de jogo nunca virando a cara à luta.

Só que vencer na Bélgica nunca foi fácil para o "quinze" nacional, e o resultado com a Polónia, com quem Portugal tinha um saldo desfavorável, não cabia nas perspectivas mais optimistas.

Este ano demonstra ainda que Portugal evoluiu em relação aos países do "nosso campeonato" tendo de alguma forma regredido em relação às grandes potências.

No entanto, o nono lugar no "ranking" da FIRA é um bom augúrio para a consolidação e evolução do rugby português. ●



Os avançados portugueses superiorizaram-se aos polacos (Foto Vitor Rios / CM)

PORTUGAL, 3
ITÁLIA, 64

BÉLGICA, 18
PORTUGAL, 29

PORTUGAL, 38
POLÓNIA, 3

ROMÉNIA, 92
PORTUGAL, 0

2 de Março 96

Lisboa

Portugal – José Pedro Costa, Paulo Silva, Joaquim Ferreira, Pedro Rogério, José Luís (Alexandre Lima, Cortes Simões), João Catulo, António Cunha, Melo e Castro, Luís Pissarra, Nuno Maria, Hoffman, Nuno Mourão, Vasco Durão, Murinello (Eric Galvão), José Maria V. Gomes.

16 de Março 96

Bruxelas

Portugal – José M. Vilar Gomes, Alfredo Simões, Murinello, Vasco Durão, Nuno Mourão, Eric Galvão, Nuno Vilar Gomes, Luís Pissarra, Melo e Castro, Alexandre Marques, João Catulo, José Luís Rodrigues, Pedro Rogério, Pedro Fonseca, Joaquim Ferreira, Paulo Silva, José Pedro Costa.

2 de Abril 96

Lisboa

Portugal – José Pedro Costa, Paulo Silva, Joaquim Ferreira, Pedro Rogério, Melo e Castro, Catulo, António Cunha, José Pires, Luís Pissarra, Nuno Maria, Lourenço Tomás, João Diogo, Nuno Mourão, Vasco Durão, Rohan Hoffman.

13 de Maio 96

Bucareste

Portugal – Pedro Murinello, Alfredo Simões, Vasco Durão, Nuno Mourão, Miguel Portela, Nuno Vilar Gomes, Luís Pissarra, Alexandre Lima, Alexandre Marques, António Cunha, Melo e Castro, Pedro Rogério, Joaquim Ferreira, Paulo Silva, José Pedro Costa.

ALL BLACKS VENCERAM X "LISBOA SEVENS"

Portugal em Hong Kong

NUM TORNEIO DE BOM NÍVEL QUE CONSAGROU A NOVA ZELÂNDIA COMO VENCEDORA, O DESTAQUE FOI PARA A SELECÇÃO NACIONAL, QUE CONQUISTOU COM INTEIRA JUSTIÇA O ACESSO À FASE FINAL DO II MUNDIAL DE SEVENS.

Pela primeira vez, uma selecção portuguesa de rãguebi – neste caso na variante de sete – adquiriu o direito a estar presente na fase final de um Campeonato do Mundo.

Depois das duas vitórias conseguidas no primeiro dia frente ao Luxemburgo (47-12) e Letónia (47-0), a equipa nacional ficou integrada no Grupo F da fase decisiva. No jogo inicial, a selecção de Andorra foi batida sem dificuldades por 63-10. No encontro que tudo iria decidir, a Geórgia não teve argumentos técnicos e físicos para

fazer frente a uma equipa nacional que, com oito ensaios obtidos (alguns deles de belo recorte), conseguiu empolgar o público, vencendo por claros 56-7.

Além de Portugal, conseguiram o apuramento para o Mundial graças à vitória nos respectivos grupos, Nova Zelândia, Irlanda, Roménia, Namíbia, Coreia, Espanha e Canadá, equipas que se qualificaram para o Lisboa Sevens.

Nos quartos-de-final, a selecção portuguesa defrontou a Coreia, juntamente com os *All Blacks*, a equipa mais dura e difícil do torneio – tal como a *batalha* que constituiu o jogo entre

ambos nas meias-finais viria a provar. Já com a qualificação garantida, Portugal não resistiu aos atléticos e rápidos coreanos, que obrigaram os nossos jogadores a preocuparem-se exclusivamente com tarefas defensivas. Até ao intervalo os portugueses defenderam como nunca víamos a uma equipa nacional, mas na segunda parte dois erros permitiram aos experientes coreanos a obtenção de outros tantos ensaios, que determinaram o desfecho final de 7-19.

Na muito positiva prestação lusa ao longo do torneio, destaque para Rohan Hoffman (o australiano agora naturalizado português), o jogador *mais* desta selecção e que fez a diferença em momentos decisivos.

A selecção nacional apresentou os seguintes dez jogadores: Nuno Mourão (2 ensaios marcados), Pedro Murinello (4), Vasco Durão (4), Daniel Sá (3), Pedro Neto, Miguel Barbosa, Lourenço Tomás (1), Salvador Amaral (2), Rohan Hoffman (9) e Alfredo Simões (5).

Nas meias-finais a Nova Zelândia venceu a Coreia por 26-0 e a Espanha bateu a Irlanda por 24-21. Na final, os *All Blacks* impuseram-se sem dificuldades a uma selecção espanhola de bom nível, que surpreendeu ao longo do Torneio, mas «sem pernas» no jogo decisivo, vergando-se a uma pesada derrota por 68-5.

Na equipa vencedora, composta por jogadores de grande nível, destaque para Bradley Fleming, um dos seus profissionais, que com 20 ensaios se



All Blacks dominaram a X edição do Lisboa Sevens

Sevens

LISBOA SEVENS '96

Sábado, 1 de Junho

SÉRIE 1

Irlanda, 80 - Hungria, 0
Noruega, 10 - Hungria, 19
Noruega, 0 - Irlanda, 73

SÉRIE 2

N. Zelândia, 73 - Lituânia, 0
Moldávia, 31 - Lituânia, 19
Moldávia, 0 - N. Zelândia, 92

SÉRIE 3

Espanha, 59 - Bulgária, 0
Bélgica, 66 - Bulgária, 0
Bélgica, 3 - Espanha, 24

SÉRIE 4

Coreia, 78 - Croácia, 5
Suécia, 12 - Croácia, 27
Suécia, 7 - Coreia, 26

SÉRIE 5

Canadá, 43 - Suíça, 0
Ucrânia, 36 - Suíça, 0
Ucrânia, 0 - Canadá, 35

SÉRIE 6

Namíbia, 59 - Áustria, 7
Geórgia, 35 - Áustria, 7
Geórgia, 12 - Namíbia, 59

SÉRIE 7

Roménia, 74 - Andorra, 0
Polónia, 52 - Andorra, 5
Polónia, 0 - Roménia, 57

SÉRIE 8

Letónia, 41 - Luxemburgo, 12
Portugal, 47 - Luxemburgo, 12
Portugal, 47 - Letónia, 0



Daniel Sá, Miguel Barbosa e Rohan Hoffman foram peças importantes no apuramento lusitano

sagrou o melhor marcador da prova e a sua principal figura. Na lista dos melhores marcadores de ensaios seguiram-se o irlandês David Humphreys (15) e o "português" Rohan (9).

Uma referência ainda para os dois árbitros nacionais presentes, Inácio Mendes Silva e Levy Quitério, que dirigiram (e bem) diversos encontros.

Uma palavra final para a organização do DN Lisboa Sevens. Mantendo o elevado nível a que nos habituou nas anteriores nove edições, o Clube de Rugby ergueu mais uma vez um excelente Torneio. Pena que o público não comparecesse como o evento justificava. Aguarda-se agora que uma futura edição coincida com a fase final de um Mundial de sevens.

LISBOA SEVENS '96

Domingo, 2 de Junho

SÉRIE A

N. Zelândia, 66 - Luxemburgo, 10
Hungria, 0 - Luxemburgo, 26
Hungria, 0 - N. Zelândia, 89

SÉRIE B

Irlanda, 33 - Suécia, 10
Croácia, 10 - Suécia, 28
Croácia, 0 - Irlanda, 47

SÉRIE C

Roménia, 63 - Lituânia, 3
Moldávia, 12 - Lituânia, 7
Moldávia, 0 - Roménia, 77

SÉRIE D

Namíbia, 47 - Áustria, 7
Ucrânia, 43 - Áustria, 5
Ucrânia, 7 - Namíbia, 21

SÉRIE E

Coreia, 59 - Noruega, 7
Letónia, 19 - Noruega, 17
Letónia, 12 - Coreia, 28

SÉRIE F

Portugal, 63 - Andorra, 10
Geórgia, 31 - Andorra, 5
Geórgia, 7 - Portugal, 56

SÉRIE G

Espanha, 42 - Suíça, 7
Polónia, 42 - Suíça, 0
Polónia, 7 - Espanha, 28

SÉRIE H

Canadá, 80 - Bulgária, 0
Bélgica, 61 - Bulgária, 0
Bélgica, 0 - Canadá, 61



Portugal parte para mais um ensaio com os olhos postos em Hong-Kong

Sevens

SELECCIONADOR NACIONAL ELOGIA TRABALHO DOS SEUS JOGADORES

No rescaldo da décima edição do DN Lisboa Sevens, na qual a selecção portuguesa atingiu o objectivo que se propunha – estar pela primeira vez presente numa fase final de um Mundial –, o seleccionador nacional João Paulo Bessa, não escondia a sua satisfação pela missão cumprida: «Atingimos o objectivo principal que era o apuramento para Hong Kong, onde irão estar as 24 melhores nações mundiais de rãguebi de sete. Passámos a pertencer à nata do sevens».

E não teria sido possível fazer melhor no Torneio, ou seja, atingir por exemplo as meias-finais? João Paulo Bessa considera: «Temos que concluir que era difícil estar a exigir mais a estes jogadores. Contra a Coreia – que era, à parte dos *All Blacks* a equipa com

SPRING CUP Domingo, 2 de Junho

QUARTOS-DE-FINAL

Bélgica, 26 - Moldávia, 0
Suécia, 40 - Geórgia, 5
Ucrânia, 26 - Letónia, 7
Polónia, 33 - Luxemburgo, 10

MEIAS FINAIS

Bélgica, 26 - Suécia, 24
Ucrânia, 17 - Polónia, 10

FINAL

Ucrânia, 28 - Bélgica, 19

TAÇA LISBOA SEVENS Domingo, 2 de Junho

QUARTOS-DE-FINAL

N. Zelândia, 45 - Namíbia, 0
Coreia, 19 - Portugal, 7
Espanha, 26 - Canadá, 19
Irlanda, 31 - Roménia, 19

MEIAS FINAIS

N. Zelândia, 26 - Coreia, 0
Espanha, 24 - Irlanda, 21

FINAL

N. Zelândia, 68 - Espanha, 5

quem eu menos queria jogar –, e após a qualificação garantida, os nossos jogadores já estavam com níveis mais baixos de concentração, e isso verificou-se nos dois erros que cometemos, e que uma equipa como a Coreia não

deixa passar em claro. Aproveitaram essas falhas e marcaram os dois ensaios que ditaram a nossa derrota».

Quanto às conclusões da nossa presença no Torneio lisboeta, João Paulo Bessa não tem dúvidas que há que continuar a apostar na mesma forma de trabalho: «Durante um mês trabalhámos muito e bem com 23-24 jogadores que constituíram o grupo de onde foram retirados os dez jogadores do Lisboa Sevens. E só assim, com esta boa base de trabalho, se podem conseguir sucessos. Temos que continuar a competir ao mais alto nível, pois só deste modo se obtêm vitórias como esta. Para tal há que planear bem, programar com rigor e os frutos mais tarde ou mais cedo hão-de surgir».

Para o responsável pela selecção portuguesa o caminho a seguir é óbvio: «Sem resultados internacionais positivos o rãguebi nacional não se desenvolve. Escusamos de pensar de outra forma, até porque temos que ganhar o hábito de vencer. E é esse estado de espírito que esta equipa está a adquirir».

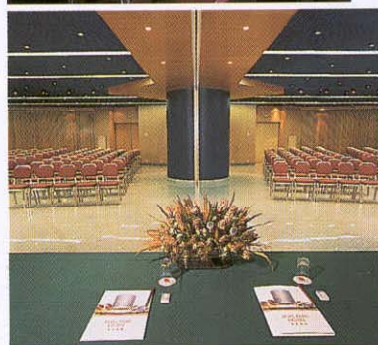
O seleccionador nacional ficou impressionado com a prestação dos *All Blacks* no Lisboa Sevens, especialmente com a cultura rãguebística que todos os seus elementos possuem: «É extraordinária a sua forma de jogar, treinar, pensar e viver o rãguebi. Treinámos e jogámos com eles e aprendemos bastante. São um exemplo para todos nós».

João Paulo Bessa não terminou sem dedicar a qualificação de Portugal «às nossas mulheres, noivas e namoradas. Elas foram muito sacrificadas ao longo de todas estas semanas e tiveram um papel extraordinário de compreensão e apoio. Esta vitória também é delas». ●

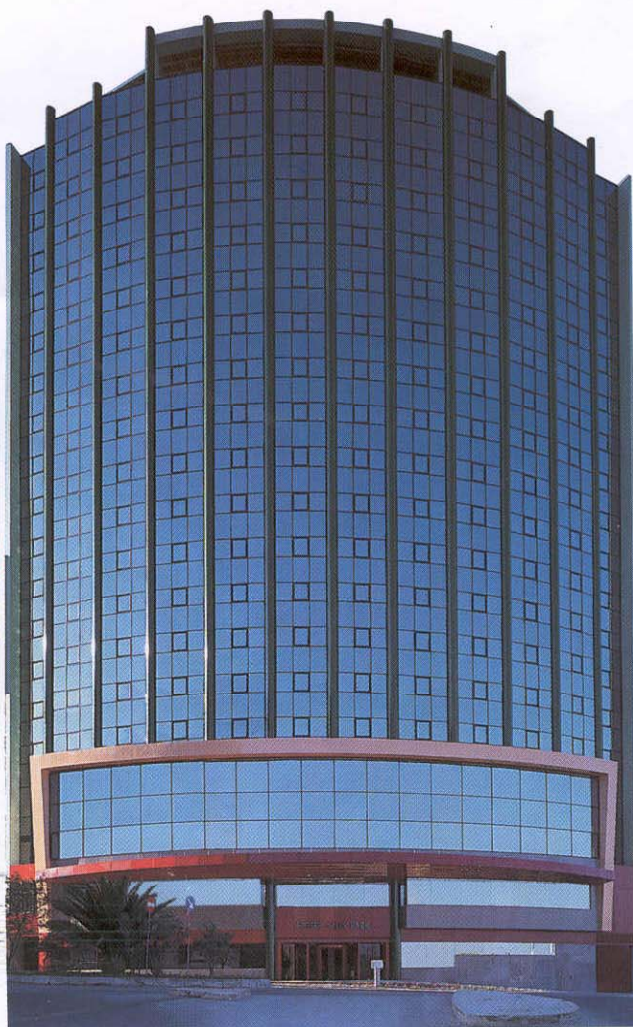


Os capitães das 24 selecções presentes em Lisboa

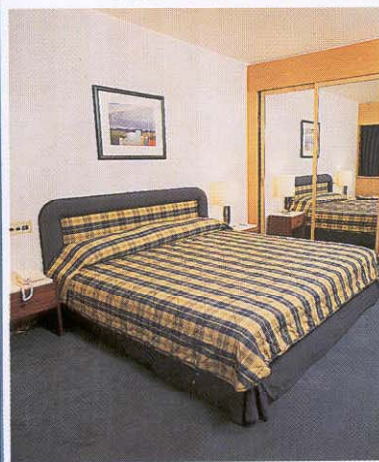
Conforto. Classe. Inovação. Na Rota da EXPO 98



O ALTIS PARK HOTEL dispõe de um dos mais modernos Centros de Congressos de Lisboa, com um Auditório devidamente equipado e com capacidade para 260 pessoas.



O ALTIS PARK dispõe de 300 confortáveis quartos, dos quais 15 são suites. O "lugar de encontro" é o simpático Bar, situado no hall do hotel.



ALTIS PARK HOTEL

CONFORTO. O Altis Park Hotel dispõe de 300 quartos (dos quais 15 suites), confortavelmente decorados, com ar condicionado, TV por satélite, rádio, telefone directo, minibar e totalmente insonorizados.

CLASSE. Pertencendo ao Grupo ALTIS, o Altis Park Hotel é um dos mais modernos hotéis de 4 estrelas de Lisboa, situado na Encosta das Olaias, na confluência das vias de acesso à EXPO 98.

INOVAÇÃO. O Altis Park Hotel oferece um dos mais modernos Centros de Congressos, Seminários e Banquetes de Lisboa, em 2 pisos de salas com capacidades de 20 até 1.500 pessoas. Na sua maioria as salas possuem luz natural e vista panorâmica, podendo ser divididas até 11 salas independentes e insonorizadas. Dispõe ainda de um moderno Auditório com capacidade de 260 lugares, devidamente equipado.

**Av. Eng. Arantes e Oliveira, 9 - 1900 LISBOA
Telef.: (01) 846 08 66/7/8 - Fax: (01) 846 08 38**